

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**NAYARA DE ALMEIDA**

**UMA PORTA, QUE ABRE A OUTRA PORTA E CHEGA À NOSSA IMAGINAÇÃO:  
É POSSÍVEL TRABALHAR A ARTE CONTEMPORÂNEA NAS SÉRIES INICIAIS.**

**CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011**

**NAYARA DE ALMEIDA**

**UMA PORTA, QUE ABRE A OUTRA PORTA E CHEGA À NOSSA IMAGINAÇÃO:  
É POSSÍVEL TRABALHAR A ARTE CONTEMPORÂNEA NAS SÉRIES INICIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
para obtenção do grau de Licenciada no curso  
de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade  
do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Mndo Marcelo Feldhaus

**CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011**

**NAYARA DE ALMEIDA**

**UMA PORTA, QUE ABRE A OUTRA PORTA E CHEGA À NOSSA IMAGINAÇÃO:  
É POSSÍVEL TRABALHAR A ARTE CONTEMPORÂNEA NAS SÉRIES INICIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 28 de novembro de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestrando em Educação - (UNESC) - Orientador

Profª. Cristina Bergmann Corrêia – Especialista – (UNESC)

Profª. Odete Angelina Calderan – Mestre em Arte Visuais – (UFSM)

**Dedico este trabalho aos que me deram a vida e com todo o amor e sabedoria, serão meus eternos professores: meu pai Valmir e minha mãe Maria Isabel. Aos meus irmãos Ariane e Murilo. Ao meu orientador Marcelo Feldhaus, que orientou meu caminho com seriedade e sabedoria. Àquele que esteve sempre presente e com todo o carinho, compreensão mostrou-se fiel companheiro, meu namorado, Guilherme. A todos os familiares e amigos que acompanharam minha jornada, compartilhando angústias, alegrias e conquistas.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me acompanhar durante toda jornada e colocar em meu caminho anjos capazes de semear sabedoria, compreensão e amor: Minha família, avó Olga Maria, avô Manuel Fermiano e meu namorado.

Ao meu orientador e mestre Marcelo Feldhaus, pela dedicação e compreensão, demonstrando o verdadeiro sentido do ser professor.

À artista Odete Calderan, às escolas da rede estadual do município de Maracajá, à equipe administrativa e aos protagonistas, os alunos das séries iniciais, por participarem com entusiasmo, seriedade e colaborarem para que essa pesquisa se efetivasse.

Ao grupo de pesquisa GEDEST, à equipe do projeto Arte na Escola, Museu da Infância e aos professores do curso de Artes Visuais – Licenciatura que semearam em mim o amor pela docência e a arte, contribuindo para minha formação acadêmica e humana.

Aos amigos e colegas que me acompanharam durante minha trajetória, em especial à Thayse Aguiar, Morgana Rocho por compartilhar e ceder um ombro amigo nos momentos alegres e difíceis.

A todos vocês, meus anjos e mestres, muito obrigada!

**“Desaprender oito horas por dia ensina os princípios [...]. As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul – que nem uma criança que você olha de ave”.**

**Manuel de Barros**

## RESUMO

A presente pesquisa insere-se na linha Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura e aborda como objetivo: analisar, refletir e compreender como a criança se relaciona e frui a arte contemporânea e quais contribuições que as experiências estéticas com as linguagens presentes nessa, como: a performance e instalação agregam para a formação cultural do aluno nas séries iniciais do ensino fundamental na rede estadual de Maracajá. Para tanto, discorro sobre assuntos pertinentes para a pesquisa como o ensino da arte no contexto escolar com base nos documentos norteadores, perspectivas históricas e contemporâneas da arte, instalação e performance tomando como referência a obra de Hélio Oiticica. A pesquisa trata também sobre a inserção da arte contemporânea no contexto escolar, finalizando com a práxis da reflexão sobre as vivências dos protagonistas da pesquisa com a arte contemporânea. Os sujeitos da pesquisa são os alunos do primeiro ao quinto ano das escolas E.E.B. Eufrásio Avelino Rocha e escola E. E.B. Manuel Gomes Baltazar, com base na seguinte problematização: Como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica? Objetivando refletir sobre o processo de fruição da criança no contato com a arte contemporânea, desenvolvi oficinas de arte no espaço escolar, contemplando os temas instalação, performance e a visita de uma artista contemporânea à escola – Odete Calderan. Por meio de espaços de narrativas, com uma pesquisa qualitativa e de campo deu-se a coleta dos dados, resultando na análise onde pude perceber que a criança permite-se vivenciar de forma plena a arte contemporânea e relacionando-a a vida, constrói a aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Ensino da arte. Arte Contemporânea. Performance. Instalação. Crianças

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Parangolé P4, capa 1, 1964 Lona, filó, náilon e plástico com pigmentos.	37
Figura 2 – Tropicália: PN2, PN3, abril 1967 .....	38
Figura 3 – Momento inicial da oficina, alunos do 1º ao 4º ano da escola nº 1.....	48
Figura 4 – Momento inicial da oficina, alunos do 4º e 5º ano da escola nº 2.....	48
Figura 5 – Atividade: olhe, cheire, pise, enfim, sinta com aluno do quarto ano na escola nº 1.....	51
Figura 6 – Atividade: olhe, cheire, pise, enfim, sinta com aluno do quarto ano na escola nº 2.....	51
Figura 7 – Crianças do primeiro, segundo e terceiro ano em processo de construção na escola nº 1.....	52
Figura 8 – Aluno do segundo ano em processo de construção na escola nº 1. ....	52
Figura 9 – (Re) significando o espaço, montando a instalação .....	53
Figura 10 – Alunos do quarto ano em processo de construção .....	54
Figura 11 – Alunos do quarto ano em processo de construção .....	54
Figura 12 – Aluna do quarto ano com a produção artística com características abstratas.....	55
Figura 13 – (Re) significando o espaço, montando a instalação. ....	55
Figura 14 – Alunos na escola nº 1 em processo de construção.....	57
Figura 15 – Alunos do 4º e 5º ano em processo de construção e finalização na escola nº 2.....	58
Figura 16 – Diálogo inicial da artista com as crianças.....	60
Figura 17 – Hora de criar, desenvolvendo atividade artística no pátio da escola.....	60
Figura 18 – <i>UM todo em partes I</i> . Fotografia Digital, Lugar, detalhe, 2009. ....	61
Figura 19 – <i>UM todo em partes II</i> . Fotografia Digital, Lugar detalhe, 2009. ....	61
Figura 20 – Experiência com a Instalação <i>Entre ESFERAS</i> 3, 2011 .....	62
Figura 21 – <i>Entre ESFERAS</i> 3. Instalação, detalhe, 2011 .....	62
Figura 22 – Crianças no primeiro contato com a argila no processo de construção.	63



Figura 23 – Maria Eduarda, produção artística referente à relação esabelecida entre paisagem e a terra .....	64
Figura 24 – Everton, produção artística referente ao planeta terra ‘sujo e limpo’ .....	64
Figura 25 – Everton, produção artística referente ao planeta terra e os países que o compõem.....	64
Figura 26 – Produção artística de Maria Eduarda .....	65
Figura 27 – Maria Eduarda 1º ano com sua produção artística.....	65
Figura 28 – Dialogando com o espaço, montagem e finalização da instalação .....	66

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

E.E.B	Escola de Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
SC	Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2 CONCEPÇÕES EM TORNO DA ARTE</b>	15
2.1 ARTE COMO ÁREA DO CONHECIMENTO: UM PARALELO ENTRE DOIS MUNDOS	15
2.2 A ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR	17
2.3 CRIANÇA, INFÂNCIA E IMAGINAÇÃO NO ENSINO DA ARTE	22
<b>3 ARTE CONTEMPORÂNEA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO</b>	25
3.1 ARTE: DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO	25
3.2 ALGUMAS POÉTICAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA: INSTALAÇÃO E PERFORMANCE NAS OBRAS DE HÉLIO OITICICA	32
3.3 ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES A SEREM EXPLORADAS	38
<b>4 METODOLOGIA: ESTRUTURANDO CAMINHOS</b>	43
<b>5 REFLEXÕES EM CURSO: ARTE CONTEMPORÂNEA EM DIÁLOGO COM A REALIDADE ESCOLAR</b>	47
5.1 PRIMEIRO MOMENTO – (RE)SIGNIFICANDO O ESPAÇO: INSTALAÇÃO NA OBRA DE HÉLIO OITICICA	47
5.2 SEGUNDO MOMENTO – ENTRA EM CENA A PERFORMANCE NO CONTEXTO ESCOLAR	56
5.3 TERCEIRO MOMENTO – UMA ARTISTA EM MINHA ESCOLA	59
5.4 PROJETO DE CURSO: UM CAMINHO POSSÍVEL	68
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	71
<b>APÊNDICES</b>	77
<b>ANEXOS</b>	85

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha pelo curso de Artes Visuais – Licenciatura foi movida pela curiosidade. Durante a formação básica não obtive um ensino em arte para a vida, que aos meus olhos fosse significativo, era tudo tão desconexo do cotidiano, superficial, que algo me inquietava. Entretanto, em minha jornada encontrei sujeitos que demonstravam no olhar, no ato do falar, o verdadeiro sentido do ser professor, motivo que me despertou o desejo pela docência. A profissão ficou clara – ser professora, mas lecionar em qual área? O ensino da arte na escola, embora tivesse sido, em um primeiro momento superficial, contribuiu para lançar as sementes da curiosidade, da busca em me aprofundar naquele assunto pouco contextualizado. Provocou a vontade de adentrar nesse mundo, o qual pensava estar distante da realidade e hoje vejo, ouço, enfim, sinto constantemente a arte em meu dia-a-dia.

Durante a vida acadêmica surgiram indagações, questionamentos, inquietudes que me instigaram a buscar os caminhos do conhecimento, da mesma forma em que há determinados assuntos com os quais me identifiquei. Neste viés surgiu a minha proposta de pesquisa, na qual abordo como tema central o ensino da arte contemporânea nas séries iniciais do ensino fundamental, pois muitas vezes o que presenciamos é um ensino de arte fragmentado, no qual, o aluno acaba não vivenciando e experimentando de forma plena as possibilidades que a arte oferece. Meu intuito não é apontar culpados, mas propor experiências em arte que visam dialogar com o problema e contribuir com a realidade.

A pesquisa parte da experiência do estágio de docência, onde busquei trabalhar com os alunos conteúdos diferenciados dos que estavam habituados a se relacionar, por meio da abordagem da arte contemporânea nas séries iniciais do ensino fundamental. Neste projeto, dentre uma série de atividades, levei uma artista contemporânea na escola. Esse fato proporcionou um impacto na realidade escolar onde a ação se desenvolveu. Para as crianças era perceptível o encantamento, o qual não poderia ficar apenas no projeto. Então, refletindo sobre essa vivência nasce o desejo de minha pesquisa com o foco de analisar, refletir e compreender como a criança se relaciona e frui a arte contemporânea, bem como, as contribuições possibilitadas pelas experiências estéticas com algumas linguagens como performance e instalação presentes na arte contemporânea agregam para a

formação cultural e da percepção estética do aluno nas séries iniciais do ensino fundamental na rede estadual de Maracajá/SC.

Na rede estadual de Maracajá vinculam-se duas escolas: a E. E. B. Eufrázio Avelino Rocha e E. E. B. Manoel Gomes Baltazar, ambas foram os locais onde a pesquisa se desenvolveu. A escolha por essas escolas foi por possuírem uma ligação com minha formação, pois cursei o Ensino Fundamental e Médio nelas, além de os estágios de docência serem desenvolvidos nas mesmas. Já a escolha por abordar as crianças como protagonistas da pesquisa foi por acreditar na capacidade dessas de fruir arte contemporânea e desconstruir pré-noções históricas de gosto, no mesmo ato que a fruição artística perpassa experiências mais empíricas do que intelectuais, acredito no afloramento do processo de fruição da criança contribuindo para o seu desenvolvimento já nas séries iniciais.

O primeiro desafio foi estabelecer um foco para a pesquisa, pois abordar a arte contemporânea é adentrar em um mundo de inúmeras possibilidades, assim, parti das obras de Hélio Oiticica, o qual foi um dos precursores para a aproximação da arte com a vida, como também fundamental para algumas concepções da arte contemporânea. Acredito que o artista Oiticica propõe com a sua obra, tanto para a criança, como para o adulto vivenciar de forma plena a arte, relacionando-a com o cotidiano. Assim, deu-se a escolha do artista inicial mediante o estudo de suas obras, as poéticas performance e instalação toram-se pontos chave para o enredo da pesquisa.

Mediante as questões apontadas, a presente pesquisa traz como título “Uma porta, que abre a outra porta e chega à nossa imaginação: é possível trabalhar arte contemporânea nas séries iniciais.”<sup>1</sup> E partiu da seguinte indagação: Como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica e Odete Calderan? No intuito de alcançar a dimensão da problemática, outras questões a norteiam: Qual a contribuição do ensino da arte contemporânea para o desenvolvimento cognitivo e a formação cultural da criança nas séries iniciais? Como a arte contemporânea pode ser inserida no contexto escolar das crianças nas séries iniciais? Quais contribuições têm a inserção de uma

---

<sup>1</sup> O título surgiu em meio à análise de dados, sendo que um dos personagens principais de minha pesquisa é o autor, José Fernando do quinto ano, que relaciona a arte à frase “*uma porta que abre a outra porta e chega a nossa imaginação*”.

artista contemporânea no espaço escolar para a formação da percepção estética das crianças nas séries iniciais do ensino fundamental? De que forma a criança nas séries iniciais se relaciona com um artista no espaço escolar?

Dialogando com o meu problema de pesquisa e as questões que o norteiam tenho como objetivo geral compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens da performance e instalação perante as propostas que contemplam vivências com a arte contemporânea. Desdobrando-se em outros, nos específicos pretendo: analisar dados que envolvam experiências estéticas dos alunos com a arte contemporânea; sistematizar teoricamente questões relacionadas ao processo de fruição da criança na arte contemporânea; investigar quais as contribuições que a abordagem da arte contemporânea proporciona aos alunos; possibilitar uma reflexão sobre a importância de se abordar a arte contemporânea desde as séries iniciais do ensino fundamental; proporcionar o contato dos alunos nas séries iniciais com uma artista contemporânea no espaço escolar; realizar coleta de dados envolvendo os espaços de narrativa como forma metodológica que dialogue com os princípios da pesquisa sobre arte; propor uma formação continuada para os professores de arte da rede municipal e estadual com o intuito de possibilitar intervenções/contribuições na realidade observada.

Estruturando a pesquisa, divido-a em seis capítulos que se subdividem, contemplando em suas essências reflexões e diálogos com autores que abordam assuntos que pressuponho serem importantes para aprofundar-me no tema.

No segundo capítulo abordo concepções e reflexões sobre o conceito e função da arte nas constituições das sociedades e formação dos sujeitos, com reflexões sobre o ensino da arte nos espaços educacionais. Para tanto, dialogo com os documentos que norteiam a educação nos segmentos que regem o ensino para os co-autores<sup>2</sup> da pesquisa – os alunos das séries iniciais.

No terceiro capítulo, estabeleço diálogos com autores que abordam desdobramentos da arte moderna à arte contemporânea, assim, contextualizo algumas poéticas presentes na arte contemporânea como a performance e a instalação mediante o artista Hélio Oiticica, pontuando suas obras *Tropicália* e

---

<sup>2</sup> A todo o momento estarei me referindo às crianças como co-autores da pesquisa, pois utilizo as falas deles dando voz e vez a esses, onde participam da pesquisa com total autonomia.

*Parangolé*, como também, abordo a importância da arte contemporânea no contexto escolar.

Durante o quarto capítulo discorro sobre os procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa e reafirmo o propósito desta, contextualizando os personagens da pesquisa e os locais onde essa se desenvolveu.

No quinto capítulo apresento e analiso os dados da pesquisa, dividindo-os em três momentos. O primeiro envolve a oficina com instalação, o segundo a experiência com a performance e o terceiro momento a visita de uma artista contemporânea à escola – Odete Calderan; nesse último momento contextualizo o trabalho da artista relacionando com o enredo da oficina desse dia. Ainda estabeleço as questões relevantes durante todo o percurso, juntamente com o projeto de extensão, o qual visou contribuir para a ampliação de repertórios artísticos culturais.

Com o sexto capítulo, finalizo em meio às reflexões sobre toda vivência, apontando encontros e desencontros no enredo da pesquisa.

Pretendo contribuir com esta pesquisa para reflexões, considerações, indagações e novos olhares sobre o ensino da arte contemporânea no contexto escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. Almejo não apresentar uma concepção finalizada para minha pesquisa, mas possibilitar a abertura de novos caminhos.

## 2 CONCEPÇÕES EM TORNO DA ARTE

O presente capítulo abordará reflexões sobre os conceitos e funções da arte na constituição da sociedade e na formação de sujeitos<sup>3</sup> autores e co-autores das manifestações artístico-culturais. Para tanto, dialogará com o ensino da arte nos espaços educacionais, em específico nas escolas, foco de minha pesquisa, apresentando qual a relevância da arte no contexto escolar, contextualizando breves reflexões sobre os documentos que norteiam e regem o ensino da arte em nosso país no ensino fundamental – séries iniciais.

### 2.1 ARTE COMO ÁREA DO CONHECIMENTO: UM PARALELO ENTRE DOIS MUNDOS

A arte está presente no tempo e espaço, como área do conhecimento, linguagem, expressão, produção de sentidos e signos, nos proporcionando o autoconhecimento, compreensão e diálogo com o mundo. Como nos diria Mário de Andrade (apud COLI 2006, p. 89) “a arte não é elemento vital, mas um elemento da vida”.

Com as manifestações culturais, a arte se instala em nosso mundo, com a capacidade de nos construir enquanto sujeitos, produtores e consumidores de cultura. Cria um paralelo entre razão e emoção, um portal o qual nos proporciona a reflexão sobre o indizível, o inexplicável, por fim, nos conduz ao autoconhecimento e conhecimento do contexto o qual estamos inseridos. Para tanto, dialogo com Coli (2006, p.111)<sup>4</sup>, quando nos coloca que:

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de “aprendizagem”. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma.

Podemos observar que uma característica marcante da arte - o domínio do sensível, porém, não pressupõe que essa dispensa a razão ou se opõem a ciência, ambas estão presentes no ato de construção da obra de arte em si e no

---

<sup>3</sup> Utilizo o termo sujeito, o entendendo como um ser produtor e produto de cultura, bem como, um ser com voz e vez, atuante no mundo o qual reside.

<sup>4</sup> COLI, Jorge. **O que é arte?** 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.



resultado físico da relação do sujeito com essa, pois usufruímos de um processo lógico e sistematizado de ideias para exprimir nossa experiência perante ela. Embora o racional escape ao domínio da arte no instante em que nosso contato com ela evoca um estado de êxtase, pois “sua comunicação conosco se faz por outros canais: da emoção, do espanto, da intuição, das associações, das evocações, das seduções”.<sup>5</sup>

O homem como fruto das manifestações culturais e artísticas, está em constante formação e transformação, construindo e reconstruindo sua história, desta forma, agrega em sua bagagem cultural conhecimentos que influenciarão na sua relação e fruição<sup>6</sup> com a arte, do mesmo modo em que ela está presente no envolvimento do homem com o seu em torno, pois como nos diz Martins, Piscoque e Guerra (1998, p.41) “arte é uma forma de criação de linguagens” e, “toda linguagem artística é um modo singular de o homem refletir – reflexão/reflexo – seu estar – no – mundo”.

Visto que, a arte e a cultura estão intimamente conectadas, desde os mesmos sujeitos presentes em ambas, aos objetos artísticos que são produtos e produtores das manifestações artístico-culturais; a arte está presente no contexto cultural, nas questões sociais que operam na sociedade, estabelecendo relações entre o objeto artístico e as manifestações oriundas da cultura, abrangendo as dimensões estéticas, constitutivas do potencial humano. Segundo Coli (2006, p. 120) quando este nos afirma que:

Os objetos artísticos encontram-se intimamente ligados aos contextos culturais: eles nutrem a cultura, mas também são nutridos por ela e só adquirem razão de ser nessa relação dialética, só podem ser apreendidos a partir dela.

Arte como área do conhecimento, estabelece um elo entre dois mundos, o real e o irreal, o visível e o invisível, o inexplicável e explicável, a razão e a emoção, assim, relaciona artista, obra, público e contexto social. Exprime em sua essência a comunicação dos sentimentos, na qual comungo da ideia de Leite (2005, p. 22)

---

<sup>5</sup> Ibid, p. 106

<sup>6</sup> Me refiro a fruição com base nos estudos em Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 75) um processo o qual provoca as emoções, sensações e o pensar, enfim, "quando estamos diante de uma obra de arte, a recriamos em nós. A contemplação de uma produção artística nunca é passiva, algo de nós penetra na obra ao mesmo tempo que somos por ela invadidos e despertados para novas sensibilidades." Portanto, o processo de fruição consiste nas relações criadas e recriadas entre a obra propriamente dita e o espectador no ato da contemplação.

quando define arte como “um sistema de manifestações e códigos que se interpenetram e se recodificam a cada momento; uma forma particular de ver e expressar o mundo”, por meio de um ato sublime – a experiência estética.

A experiência estética se pauta no conhecimento por meio do sentir. Valoriza o fazer artístico, o ato criador, a partir do momento em que se fundamenta como processo parcial no fazer e viver a arte. Coli (2006, p. 113) destaca “uma viagem de rumo imprevisto – da qual não sabemos as conseqüências. Porém, empreendendo-a, o que conta não é a chegada, é a evasão”; nisso se constitui a experiência estética.

A partir de algumas reflexões sobre arte, visto que, mesmo diante de autores com referencial vasto, apontar uma concepção única e finalizada desta área do conhecimento é um ato em vão. Podemos observar que essa comunga juntamente com a cultura que emerge numa sociedade e se constitui em área do conhecimento que vislumbra a compreensão mais complexa e profunda sobre as narrativas de diferentes tempos e espaços, sobre o próprio eu, de modo geral do mundo.

## 2.2 A ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR

“A arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela” (MARTINS; PISCOSQUE; GUERRA 1998, p.13), pois desde os primórdios da civilização ela esteve presente em todas as formações culturais, proporcionando novas formas de inserção no mundo. Quando nos expressamos dentro de várias modalidades artísticas, elaboramos e reconhecemos de modo sensível nossa vivência para qual nesse mundo onde estamos situados. Sobre isso Buoro (1996, p. 20) escreve que a arte “enquanto uma forma privilegiada dos processos de representação humana é instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois propicia ao homem este contato consigo mesmo e com o universo” e “[...] por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece.” (p. 25)

Tendo em vista a arte como área do conhecimento, minha pesquisa envolve a linha de arte e educação, a qual, no todo dialogará sobre ensino e aprendizagem da arte nas séries iniciais, com breves reflexões sobre os documentos que norteiam o ensino nesse segmento. Afinal, a arte na educação como

autoconhecimento e elemento constitutivo da formação da identidade artístico-cultural é um importante instrumento para o desenvolvimento individual e social de cada ser humano. Partindo do pressuposto que no ato de fazer e ver a arte o educando é sujeito capaz de analisar, (re)significar<sup>7</sup>, (re)construir, (re)elaborar.

Concordo com os estudos de Barbosa (2005, p. 100):

Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Tendo em vista a importância da arte para a humanidade, tanto nos processos históricos das sociedades, como na formação de cada sujeito, nos deparamos com ela nos espaços escolares. Partindo do princípio que a escola se constitui em “espaço tempo de ensino e aprendizagem sistemático e intencional, é um dos locais onde os alunos têm a oportunidade de estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais e culturais.” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 19)

O desafio do ensino da arte na escola é desenvolver as habilidades que proporcionam a ampliação do olhar artístico e propiciar a experiência estética para além do apenas fazer, para o sentir e compreender a arte como área do conhecimento, porém a proposta educacional deve ser pautada em atividades que respeitem as vivências prévias que o educando aborda em sua bagagem cultural, ao mesmo tempo em que proporcionem o avanço no processo de construção da percepção visual e sensível em meio às interações realizadas entre sujeito, objeto e mediador.

Para tanto, a arte é fundamental no espaço escolar, pois como área do conhecimento, ela proporciona a formação cultural dos alunos, possibilitando a esses conhecerem e compreenderem a produção cultural de seu tempo e de outros contextos históricos. Sendo assim, reafirmo a necessidade por pesquisar sobre a arte contemporânea nas séries iniciais, uma vez que o educando aprende atribuir novos significados a vida, partindo de uma linguagem que lhe é contemporânea e, dessa forma, amplia seu repertório artístico cultural, desenvolvendo habilidades no

---

<sup>7</sup> A todo o momento, ao longo de minha escrita opto por utilizar termos entre parênteses, pois pretendo dessa forma, reafirmar o significado da palavra em questão, ao mesmo tempo em que acredito que cada educando aborda em seu repertório cultural um conhecimento prévio que jamais poderá ser descartado.

campo visual e sensível (re)significando-a sua experiência no mundo.

Portanto, tomo como base e fio condutor a minha pesquisa que busca investigar como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica? Sendo que é na escola que os alunos têm a oportunidade de aprender e vivenciar os processos artísticos, decodificar os códigos das linguagens da arte e acima de tudo compreendê-los, para valorizar, identificar e respeitar as produções artísticas. Neste sentido, o educando será apto a criar, reformular, construir e (re)construir conceitos, desenvolvendo sua percepção crítica e sua autonomia.

Concordo com Ferraz e Fusari (2009, p. 25)<sup>8</sup> quando nos afirmam:

Ao assumirmos que a arte pode e deve ser ensinada e aprendida na escola, assumimos também outro compromisso, a necessidade de trabalhar e refletir sobre a organização pedagógica direcionada às inter-relações artísticas e estéticas junto aos estudantes quer sejam crianças, jovens, jovens adultos ou adultos.

Primeiramente, temos de nos reconhecer, enquanto professores, responsáveis pela formação de sujeitos e cidadãos atuantes em nossa sociedade. Posteriormente, refletir sobre as ações pedagógicas a serem desenvolvidas em sala de aula que venham a contemplar a aprendizagem significativa, isto é, almejar objetivos a serem alcançados pelos alunos que proporcionem o aperfeiçoamento dos saberes, pois na educação escolar todos são autores e co-autores de sua aprendizagem, tanto o professor que aprende ao ensinar, quanto o aluno que ensina ao aprender.

Assim, como não poderia deixar de citá-los, dialogo com os documentos que norteiam o ensino da arte, tanto de ordem nacional, quanto estadual, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – Arte). Divulgados em 1996 e posteriormente lançados em 1998, constituem-se em diretrizes pedagógicas que buscam um ensino de qualidade em todo o país, dialogando com conceitos considerados fundamentais na formação para a cidadania.

Tais saberes foram direcionados ao autoconhecimento, ao outro, ao fazer e perceber arte com autonomia e criticidade, ao desenvolvimento do senso

---

<sup>8</sup> FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. Rezende e. **Metodologia do ensino da arte:** fundamentos e proposições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

estético e à interação dos indivíduos no ambiente social/tecnológico/cultural, preparando-os para um mundo em transformação e para serem sujeitos no processo histórico.<sup>9</sup>

Os PCN referentes ao ensino de arte no ensino fundamental surgem após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9.394/96,<sup>10</sup> a qual torna obrigatório no Art. 26, § 2º o ensino da arte como componente curricular. Abordam em sua essência reflexões, sugestões, pesquisas sobre o ensino da arte, fornecendo subsídios teóricos para a prática pedagógica, apontando conteúdos, objetivos e procedimentos condizentes com nossa realidade social, econômica e cultural, criados de acordo com as necessidades da educação no Brasil.

Portanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte constituem-se em etapas, onde na primeira parte apontam reflexões, encaminhamentos sobre o ensino-aprendizagem, com breve contextualização histórica sobre a educação na área, proporcionando o diálogo em meio às concepções pedagógicas, estéticas e conhecimentos artísticos aos professores. Na segunda parte abrange quatro linguagens artísticas: artes visuais, teatro, música e dança. Nessa etapa os documentos têm por objetivo propor conteúdos, objetivos, e procedimentos de avaliação organizados por eixos norteadores como a produção em arte, fruição e reflexão. Nesse aspecto, tomo como base Ferraz e Fusari (2009, p. 58) quando nos apontam:

Os conteúdos se organizam a partir de eixos norteadores de aprendizagem, a saber: produção em arte – desenvolvimento do percurso de criação pessoal; fruição – apreciação significativa da arte e reflexão sobre a arte enquanto produto pessoal e pertencente à multiplicidade das culturas humanas, de todas as épocas.

Nas linguagens artísticas são delegados conteúdos e objetivos de acordo com suas especificidades. Nas artes visuais evidenciam-se a aprendizagem de técnicas, procedimentos que contextualizam a história da arte, artistas e relações socioculturais no ato de criar e apreciar arte. Na linguagem da dança, segundo o documento, propõe-se que sejam trabalhados os diversos aspectos da

---

<sup>9</sup> Ibid 2009, p. 57.

<sup>10</sup> A Lei de Diretrizes e Base – LDB 9.394/96 consiste na lei orgânica que rege a educação em nosso país, e contempla em sua estrutura as diretrizes e bases que organizam o sistema educacional brasileiro. Durante a história da educação no Brasil são criadas três LDBs, a primeira em 1961, segunda em 1971 e 9.394/96 que permanece até a atualidade. Encontramos estudos mais aprofundados sobre essa legislação no site [www.portal.mec.gov.br/legislacoes](http://www.portal.mec.gov.br/legislacoes).

improvisação, dos repertórios (interpretação), expressão corporal e códigos específicos dessa linguagem como a composição coreográfica, dialogando com a história da dança, manifestações socioculturais, apreciação e experiência estética.

O ensino da música consiste em aprender a explorar diferentes estruturas sonoras, expressar-se e comunicar-se musicalmente com domínio de noções técnicas básicas e a interpretação musical. Conhecer representações musicais de sua realidade sociocultural e da história da humanidade em diferentes tempos e espaços. No teatro, o ensino pauta-se no compartilhamento de descobertas, sentimentos e atitudes, propiciando o desenvolvimento da expressão gestual e reflexão crítica sobre as variadas manifestações culturais da humanidade, desenvolvendo o espírito de socialização, por meio do apreciar e do vivenciar esteticamente. (BRASIL, 1998). Desta forma, é importante ressaltar que todas as linguagens promovem a ampliação do repertório artístico-cultural.

As escolas não têm a obrigatoriedade de seguir os PCN. Como mencionado anteriormente são documentos norteadores, mas sua responsabilidade é com os alunos e com um ensino significativo, por isso poderão utilizar desses para construção do currículo escolar, readaptando de acordo com a realidade a qual as escolas estejam inseridas, partindo do princípio que são documentos que visam a educação de qualidade. Da mesma forma ocorre com as propostas curriculares estaduais, as quais também são meios norteadores para a educação, porém elaboradas pelos sistemas educacionais de cada estado, são adequadas às necessidades específicas de cada região.

A Proposta Curricular Estadual de Santa Catarina lançada em 1998 contempla as áreas do ensino obrigatórias aos currículos escolares. No ensino da arte em específico, apresenta um panorama reflexivo sobre a história do ensino dessa área no Brasil abordando concepções de aprendizagem sobre arte, conteúdos e procedimentos para a avaliação. Sistematiza teoricamente as linguagens artísticas a serem exploradas pelos professores em sala, assim como, exemplifica os conteúdos abordados de acordo com cada nível de ensino da educação básica, como a educação infantil, o ensino fundamental e ensino médio.

Por fim, nos deparamos com os projetos políticos pedagógicos, constituídos por cada espaço escolar, de acordo com as necessidades locais e com a participação de todo o corpo docente, administrativo, pais e alunos. Tão importante quanto os outros, uma vez que viabiliza a organização de forma sistematizada da

escola, o PPP “exige a definição de princípios, estratégias concretas e, principalmente, muito trabalho coletivo” (PADILHA, 2001, p. 76); ou seja, um instrumento teórico metodológico que visa a reflexão sobre a prática pedagógica, e ajuda a enfrentar os desafios cotidianos no contexto escolar. Dessa forma, o acesso de todos a esse se faz necessário, tanto para conhecer a realidade escolar de que se trata, como para os professores poderem elaborar seus planejamentos e assim, se sintonizarem com os educandos os quais convivem.

Perante as reflexões levantadas podemos observar que nossa sociedade visa uma educação para a cidadania, que priorize a formação de cidadãos e principalmente uma educação humana vinculada ao científico e sensível. Portanto, não cabe aos espaços educacionais e professores se pautarem no ensino-aprendizagem reducionista e quantitativo, mas proporcionar uma educação qualitativa que privilegie a formação da percepção visual, como também a sensível, para além do apenas decodificar, isto é, que o educando venha a interpretar e realizar leituras de mundo, que esse seja o protagonista de sua própria história.

### 2.3 CRIANÇA, INFÂNCIA E IMAGINAÇÃO NO ENSINO DA ARTE

Ao nos remetermos ao ensino da arte nas séries iniciais do Ensino Fundamental, segmento o qual pertence os integrantes dessa pesquisa, primeiramente, é necessário compreendermos de quais sujeitos estamos falando - a criança, produto e produtora de cultura, pois como nos lembra Bolle, segundo Bejamin:

não é uma miniatura do cosmos adulto, bem ao contrário, um ser humano de pouca idade que constrói seu próprio universo, capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar todavia a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e de mando (BOLLE, 1984, p. 11 apud QUINTEIRO, 2002, p. 19)

A criança – um ser que se expressa com naturalidade, vivencia intensamente toda sua experiência de conhecimento sobre o meio no qual convive, capaz de criar e recriar situações, por meio da fantasia e imaginação; essa é dotada de espontaneidade e exprime no ato criador a relação de seu Eu com o mundo.

Nas aulas de arte cabe ao professor expandir a experiência da criança no meio o qual se insere, como também, explorar o potencial imagético contido na sua

capacidade expressiva, pois ao criar personagens invisíveis, amigos imaginários e atribuir outros significados ao que já está posto, ela se desenvolve afetivamente e intelectualmente. Para tanto, Ferraz e Fusari (2009, p. 87) ressaltam

O maior compromisso do professor é, portanto, adequar as suas ações para a ampliação das expressões e percepções sensoriais infantis [...] com o aprimoramento das potencialidades perceptivas das crianças, podem-se enriquecer suas experiências de conhecimento artístico e estético. E isto se dá quando elas são orientadas para observar, ver, ouvir, sentir, tocar, enfim perceber as situações, a natureza e os objetos à sua volta.

Evidenciando a aprendizagem de qualidade e a imaginação criadora, partindo da realidade do aluno, os PCN (BRASI, 1998), que regem a educação nas séries iniciais, deixam claro que aquele que recria histórias, imagens, (re)significa sua vivência na sociedade, fortifica a experiência de ver, sentir, pensar, enfim, viver o mundo. Tais documentos concluem que nos conhecimentos artísticos “o domínio do imaginário é o lugar privilegiado de sua atuação: é no terreno das imagens (forma, cor, som, gesto, palavra, movimento) que a arte realiza sua força comunicativa” (BRASIL, 1998, p. 34). Portanto, a imaginação é indispensável na construção do conhecimento na área das artes, pois essa propicia o exercício e o desenvolvimento das potencialidades perceptíveis, imaginativas e fantasiosas por meio do processo criador.

Entretanto, é importante compreendermos que a atividade imaginativa faz uma interface com a memória e resulta da soma de vivências com objetos, fragmentos da realidade, que são reformulados (FERRAZ e FUSARI, 2009). A imaginação colhe esses dados do dito real e no processo imaginativo a criança recria outros contextos, envolvendo a fantasia que desencadeia as emoções. Entendendo-se aqui, como nos coloca Smolka (2009, p. 14) com a conceitualização de Vigotski, a imaginação “de raiz latina, e fantasia de raiz grega. [...] a palavra imaginação pode estar mais ligada à formação de imagens sensoriais e/ou mental; a fantasia mais relacionada ao devaneio e à ficção.”

As formas de relações entre imaginação, fantasia e realidade são notáveis nas crianças em cada fase de seu desenvolvimento, pois, quando pequenas as crianças têm dificuldades em distinguir a fantasia da realidade, porém, conforme vão se desenvolvendo/crescendo, elas conseguem, paulatinamente, entrar no seu imaginário estabelecendo relações com a realidade. O professor nesse



processo tem papel fundamental, pois não se trata de inativar o potencial imagético, mas aflorar, de modo que a criança não perca a fantasia e também não viva apenas nessa. Usufruindo de experiências estéticas que contemple todas as atividades sensoriais.

Quanto mais veja, ouça e experimente, quanto mais aprende e assimile, quanto mais elementos da realidade disponha em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será, como as outras circunstâncias, a atividade de sua imaginação (VYGOTSKY, 1990, p.18 apud FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 94)

Assim, é na fase da infância, compreendida como “um modo particular e não universal de pensar a criança” (COHN, 2005, p. 21) que as relações com o meio são vivenciadas de forma plena e intensa, é o momento no qual aquilo que para os olhos do adulto é algo simples, para a criança é magnífico, pois se trata do novo, das descobertas sobre o seu eu situado em um espaço – um lugar chamado mundo.

### 3 ARTE CONTEMPORÂNEA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Um denso universo foi-se descortinado após me debruçar sobre estudos em torno da arte contemporânea para concretização da minha pesquisa de conclusão de curso. Nesse capítulo viso apresentar reflexões sobre o conceito que alguns autores apontam sobre esse importante momento em que situa a arte na contemporaneidade. Inicio a partir do pressuposto que os conceitos atuais sobre arte foram construídos historicamente<sup>11</sup>, neste sentido se faz necessária uma breve retomada histórica sobre os períodos propulsores denominada atualmente, como contemporânea – a arte moderna e arte conceitual. Essa discussão faz-se necessária para encontrar respostas e aprofundar conceitualmente meu objeto de pesquisa que busca compreender como a criação das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica.

Neste enredo proponho discutir também sobre algumas linguagens contemporâneas, como a instalação e a performance, a partir da produção do artista Hélio Oiticica, indo ao encontro da proposta da pesquisa.

#### 3.1 ARTE: DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

Ao pensarmos em arte contemporânea a primeira reflexão que emerge é compreender “o que seria o termo contemporâneo?” No sentido mais genérico poderíamos pensar apenas na arte atual, do aqui e agora, porém, dialogo com Cauquelin (2005, p. 11) quando nos coloca que “o agora já deixou de sê-lo quando é nomeado, já é passado; quanto ao aqui, ele exige a constituição de um lugar que o envolva”. Desta forma, como poderemos nos propor a reduzir a arte contemporânea apenas ao momentâneo? Ousaria dizer que essa perpassa nossas expectativas de atualidade, conectando-se a arte do passado, do presente e refletindo o futuro, ainda que imediato. Não viso apresentar novas perspectivas para a arte contemporânea, visto que, este trabalho é uma iniciação a pesquisa, porém, por se tratar de uma

---

<sup>11</sup> Estudos mais aprofundados sobre os diferentes movimentos que compõem a história da arte podem ser encontrados em autores como JANSON e JANSON (1996), SANTOS (2002), STRICKLAND (1999), entre outros.

pesquisa sobre arte e educação é importante refletir sobre as diferentes formas de conceitualização e contextualização do estado da arte.

Uma arte voltada ao passado, assim diria, no instante em que os artistas abordam influências de outros contextos históricos no ato de criação de suas obras. Voltada ao presente, uma vez que a arte contemporânea pauta-se na relação mais íntima do ser humano com a vida<sup>12</sup>, nas causas sociais que circundam na sociedade atual. E por fim, uma arte que vislumbra o futuro, no momento em que propõe a todos nós a reflexão sobre o contexto no qual estamos inseridos, isto é, você reflete sobre o hoje almejando o amanhã ou o instante futuro. Portanto, a arte contemporânea perpassa tempos e simultaneamente faz uma junção entre passado, presente e futuro.

Nesta perspectiva, é importante retomarmos alguns conceitos que antecederam os movimentos denominados contemporâneos. Afinal alguns critérios presentes no contemporâneo, são resultados de uma linearidade de períodos históricos que acompanharam as mudanças e necessidades das sociedades, formuladas em diferentes tempos e espaços. Para tanto, retomo a arte moderna, por representar um marco histórico, de rupturas, para as tendências da arte no século XIX que repercutem na contemporaneidade.

A arte moderna, segundo Canton (2009)<sup>13</sup> surgiu em meio a uma era de transições, em ritmo frenético na segunda metade do século XIX, ao mesmo tempo da revolução industrial desencadeada nesse período, a qual, ocasionou uma transformação no cotidiano de toda a sociedade da época, inclusive nos sistemas econômicos, políticos e ecológicos, com o surgimento das fábricas.

Na arte não foi diferente, esse movimento constante, em busca de novos paradigmas, novos diálogos e anseios, romperam com a arte acadêmica vinculada ainda a uma antiga aristocracia e conduzida por rígidas regras, pois, essa não foi mais suficiente para atender as demandas de uma nova era, denominada Modernista e impulsionada pelo desejo do novo na ânsia por uma arte “tão inovadora e radical quanto à vida”.<sup>14</sup> Porém, é importante ressaltar que a arte moderna não foi um caminhar junto ao século XIX, onde essa obteve seu auge,

---

<sup>12</sup> Ressalto as concepções e reflexões pontuadas pelos autores Cauquelin (2005), Cocchiarale (2006), Freire (2006) e Archer (2001) que se referem à arte e vida e vida e arte.

<sup>13</sup> CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

<sup>14</sup> Ibid 2009, p. 19.

como nos coloca Cauquelin (2005), ao contrário, foi a ruptura das tendências acadêmicas postas até esse período.

Nesse movimento de constantes mudanças, aos artistas foi concebida a liberdade para exprimir em suas telas, esculturas, gravuras, entre outros. Seus anseios, experimentações/pesquisas, olhares e angústias, pois, nesse período surge a fotografia, a qual se destaca como uma das grandes descobertas dessa época. A fotografia vem exercer as funções delegadas anteriormente ao artista, como as de registrar paisagens, momentos históricos e pessoas, assim, no ato de sua criação, ofereceu incertezas aos rumos da arte e o papel do artista na sociedade<sup>15</sup>. Dessa forma, no século XX entram em vigor as vanguardas<sup>16</sup>, objetivando uma arte que refletisse o seu tempo e unindo os artistas desse período com um “posicionamento muitas vezes contestador e sempre inovador diante de mudanças radicais trazidas pela sociedade industrial” (CANTON, 2009, p. 20).

As Vanguardas surgem justamente em contra partida aos próprios conceitos de beleza impregnados historicamente na arte, rompendo com tais padrões estéticos da obra de arte adentra e estende-se a outros campos ainda não explorados - o das experimentações. Como podemos perceber na pintura, a qual, deixa de representar a perspectiva milimetricamente calculada nas telas na arte academicista, passando a ser plana, descritiva, exigindo do público um olhar reflexivo. A pintura, como até mesmo a obra, passa a ser objeto, abstrata, desprendendo-se do figurativo, como nos coloca Favaretto (1999 apud SANTOS, 1999)<sup>17</sup>. A denominação obra de arte não é mais suficiente para atender as transformações das tendências da época e passa a se designar objeto artístico, constituindo a arte moderna.

Atualmente, ao olharmos uma pintura moderna não é algo tão estranho, perante muitos, porém, para aquele período histórico era algo impactante, pois a arte na sua linearidade histórica foi vista como algo belo, idealizou a perfeição e o registro mais fiel da realidade. Tais ideais marcaram e refletiram nas concepções e julgamentos de gosto, agradável aos espectadores no ato de ver e apreciar a arte,

---

<sup>15</sup> Com a autora Proença (2009) encontramos maiores contextualizações e estudos sobre a revolução das tendências da arte com o surgimento da fotografia.

<sup>16</sup> O termo vem do Frances *avant-garde*, que significa “à frente da guarda”. Trata-se de um termo de guerra que pressupõe duas ideias básicas: estar “à frente”, isto é, fazer algo novo, e a noção de “guarda”, que se liga à luta, à ruptura, (CANTON, 2009, p. 19)

<sup>17</sup> SANTOS, Geraldo. **Isto é arte?** São Paulo: Arte na escola, 1999. 1 DVD (12 min): NTSC: son., color. (DVDteca Arte na Escola )

por isso, continuo concordando com o mesmo autor, quando nos coloca que a arte é histórica e social e o gosto segue a mesma ideologia<sup>18</sup>. Como na arte contemporânea, a rejeição ou o estranhamento perante as obras ditas contemporâneas é presente, muitas vezes, justamente por essa linearidade histórica nas concepções de gosto. Sobre este pressuposto Cocchiarale (2006, p. 11) nos deixa claro que:

A maioria diz não entendê-la, por achá-la estranha àquilo que consideram arte. Outros, ainda que com conhecimento de causa, seja por conservadorismo, seja por preferirem a arte clássica ou por sua fidelidade teórica (paixão, na verdade) à arte moderna.

E ainda:

[...] à medida que nos aproximamos da atualidade a incompreensão parece crescente. A arte pré-moderna parece ser entendida mais facilmente do que a moderna e esta última menos arbitrária que a produção contemporânea.

Ainda pautada nas discussões sobre a linearidade histórica, com as vanguardas surgem outros movimentos artísticos, que impulsionaram a busca por novas tendências na arte<sup>19</sup>. Esses vieram a repercutir no Brasil, onde artistas que buscavam por estudos na Europa, retornam ao país com ideias inovadoras, viabilizando uma arte voltada ao povo e a cultura brasileira, distanciando do academicismo europeu. Assim, a arte moderna irradiou-se no país com a semana de arte moderna de 1922, que envolveu exposições de artistas tanto das artes visuais, cênicas, linguagem musical e literatura, sendo os precursores, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Emiliano Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Graça Aranha, entre tantos. Entretanto, a arte moderna no decorrer do tempo passa por desgastes. Autores e críticos apontam a restrição extrema ao experimental que se distancia do público, os quais passam a vê-la como algo de difícil compreensão e distante da vida.

A arte sendo transitória, mutável, situa-se no tempo e espaço, desta forma, na arte moderna não poderia ser diferente, obteve seu auge em meados dos séculos XIX e XX, porém, novas tendências com o passar do século XX ganharam a

---

<sup>18</sup> Ibid 1999.

<sup>19</sup> Para estudos mais aprofundados sobre os movimentos oriundos das vanguardas sugiro a autora Canton (2009), Micheli (2004).

vez - a arte conceitual. Essa surgiu em 1960 e problematizou a autonomia e a unicidade que a arte adquiriu em tempos anteriores. A arte conceitual viabilizou aproximar o objeto artístico e o cotidiano, ao mesmo tempo em que ultrapassou as designações do conceito de obras artísticas, chegou à vida e ao discurso. Portanto, compartilho da ideia que nos pontua Freire (2006, p. 08) “a arte conceitual problematiza essa concepção de arte, seus sistemas de legitimação, e opera não com objetos ou formas, mas com idéias e conceitos”.

Ainda como nos coloca a autora Freire (2006) e reafirma Farthing (2010), a arte conceitual vem questionar as classificações impostas na arte pelas galerias e museus. Enquanto as galerias afirmavam: “isso é a arte”, a arte conceitual questionava “o que é a arte?”, da mesma forma, problematizava a obra vista como mercadoria, sua produção de massa e o consumismo; como podemos observar na obra do artista italiano Piero Manzoni (1933–1963).

Em 1961, ele produziu 90 latinhas com o rótulo *Merda do artista*. Cada lata supostamente continha as fezes do artista e valia seu peso em ouro. Como se acreditava que abrir as latas significaria destruir o valor da obra [...] (FARTHING, 2010, p. 501)

Portanto, na arte conceitual conforme Freire (2006) se coloca em primeiro plano o processo criativo do artista, operando não com objetos ou formas, mas com ideias e conceitos, como nas obras de Marcel Duchamp (1887 – 1968)<sup>20</sup>, nas quais o artista parte dos objetos cotidianos e transformava o ordinário no extraordinário, voltava outro olhar para aquilo que já estava pronto - o objeto, porém, o (re) significava problematizando e, assim também questionando a legitimidade da arte. Mesmo este artista antecedendo a arte conceitual, poderíamos dizer que foi um dos precursores dessa, pois contribuiu para que as molduras fossem substituídas pelo discurso e os espaços das galerias não mais delimitados unicamente pelas paredes brancas, mas pelos códigos que dão acessos as obras.

A arte conceitual desmaterializou o objeto, se pautou em vivências, experiências que não visaram apenas à contemplação da obra, mas o questionamento, a reflexão. Tais tendências e outras poéticas para a obra de arte surgiram em meio a esse movimento e repercutiram na arte contemporânea, como os “happenings, ambientes, performances, instalações, videoarte, internet art, arte

---

<sup>20</sup> Podemos encontrar reflexões e estudos mais aprofundados com a autora Freire (2006).

eletrônica, etc.” (FREIRE, 2006, p 04). Assim ela foi uma das grandes propulsoras da arte contemporânea, desde aproximar a arte com a vida, a presença do discurso ou conceito no processo criativo, o surgimento de outras poéticas, a forma de relação do público com a obra de arte e a utilização das múltiplas linguagens no momento do ato criador dos artistas. Todos esses fatores deram origem à miscigenação, a mescla entre as artes visuais, a linguagem musical e a cênica na arte contemporânea, a qual vai além e chega à atualidade através das outras narrativas, linguagens, meios, técnicas...

Na arte contemporânea, outras terminologias e denominações para suas manifestações surgem, da mesma forma que estende seu campo de comunicação, não se restringe mais apenas aos museus, galerias e passa explorar e experimentar outros espaços que vem dialogar com a obra de arte no todo, onde o gesto, o corpo se relaciona diretamente com os ambientes.

Esse ambiente pode ser a parede ou o metrô (grafite e pichações), a cidade (intervenções), o próprio corpo (tatuagens, happenings), objetos usuais (*art cloche*). A arte assume com frequência uma postura de reivindicação: o corpo na cidade contemporânea é negado, rejeitado, neutralizado, funcionalizado ao exagero. É apenas uma peça de um jogo abstrato, dentro de uma enorme máquina que devora a energia. O artista reivindica então um 'direito ao corpo', à emoção carnal [...] (CAUQUELIN, 2005, p. 148)

A arte contemporânea chega aos seus contemporâneos na atualidade por uma linguagem contemporânea a eles. Para tanto, estende seu campo de comunicação às novas tecnologias<sup>21</sup>, como a arte cibernética, as desenvolvidas por meio do computador. Entendo a arte contemporânea como algo indissociável da vida, onde se busca aproximar o ser humano com o que lhe é mais próximo e está constantemente presente no cotidiano desses – os meios midiáticos. Tais meios utilizam de processos lógicos, porém, exprimem em sua essência as angústias, anseios e visões de mundo daqueles que os utilizam para finalidades artísticas, ao mesmo tempo em constituem em signos de nosso tempo.

Portanto comungo da ideia dos autores Donato e Portella<sup>22</sup>

A arte contemporânea traz para o seu acervo obras cujos formatos estão sujeitos aos suportes de seu tempo e aí se incluem manifestações bastante

<sup>21</sup> Para estudos mais aprofundados proponho Santos (2005).

<sup>22</sup> Conforme artigo publicado. Disponível: [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br) – **A máquina estética: reflexões sobre a arte contemporânea**. Acesso em: 17/10/2011 às 20h32.

distintas como a body art e a arte produzida no âmbito da cibernética, a dita “arte computacional”, cujos parâmetros e referências parecem transitar entre o objeto e a virtualidade, podendo estabelecer uma relação de efemeridade, ou mesmo de inexistência, sujeita, completamente, à capacidade de funcionamento e de processamento do seu suporte: o computador.

Como podemos observar a arte na contemporaneidade pode ser mutável, transitória, e efêmera<sup>23</sup>, no momento em que as obras levam consigo as marcas do tempo o qual permeiam, como também, se (re)significam a cada instante em que são tocadas, apreciadas, vivenciadas e contempladas pelos seres humanos.

No entanto, o que o senso comum entende por arte e a linearidade histórica estabelecida aos conceitos de apreciação dessas, é a maior dificuldade que se enfrenta para compreensão da arte contemporânea. Pois, uma arte que na maior parte de sua história foi apresentada como algo diferente da vida, separada pela moldura e pelo pedestal conforme Cocchiarale (2006), ou então, por uma arte autônoma que se distanciou da vida, como nos coloca Cauquelin (2005), é o que torna difícil a assimilação e a compreensão do conceito e de produções ditas contemporâneas.

O prazer harmônico definido historicamente na arte e critérios como belo, agradável, correto já não se mostram suficientes para a apreciação da arte hoje. Para apreciar arte contemporânea é necessário desenvolver critérios de apreciação contemporâneos, pois não nos é mais fornecido um conceito de agradável, ilusionismo e passividade. A arte contemporânea vai além disso, estabelece uma relação entre o espectador e o artista, entre o eu e o mundo e entre nós e nós mesmos, estendendo seu campo de relações.

[...] se diversificou o espaço expositivo, a própria mostra e os meios de sua divulgação. Igualmente, o espectador se transformou, não sendo mais um apreciador passivo, mas um agente participativo das experiências artísticas. [...] É um campo aberto à criatividade, que se mantém como fronteira a ser explorada, descoberta e revelada, um território que gera uma multiplicidade de significados, transformações e percepções, as quais tencionam nosso posicionamento como indivíduos [...] (CALDERAN, 2011, p. 86)

---

<sup>23</sup> Segundo Amaral (2006, p. 154 *apud* MADDALOZZO e AMORIM) nos coloca que “a característica do efêmero, do envelhecimento visível na fisicalidade da obra, detectável nos objetos realizados, torna a produção artística de nosso tempo, com exceção da pintura, da escultura e das artes gráficas, obrigatoriamente vinculada ao registro documental, para fins de constatação de sua realização no espaço e no tempo.”



Essa possui um vasto campo de disseminação, ultrapassa os limites ou então os problematiza exigindo da sociedade reflexão. Para tanto, a obra contemporânea renasce nos elementos mais inusitados e inesperados do cotidiano.

[...] a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas.[...] embora a pintura passa a continuar sendo importante para muitos, ao lado dos artistas tradicionais há aqueles que utilizam fotografia e vídeo, e outros que se engajam em atividade tão variadas como caminhadas, aperto de mãos ou o cultivo de plantas. (ARCHER, 2001, prefácio)

As múltiplas linguagens da arte contemporânea estabelecem um diálogo entre as manifestações do artista com o público, pressupõe uma decodificação, compreensão e reflexão do observador, como também interage obra, artista, apreciador e mundo. Necessita ser vivenciada de forma plena para que uma efetiva fruição aconteça, como afirma Archer (2001, p. 106) “a obra não é meramente algo para se olhar, mas um espaço a ser adentrado e experimentado de um modo físico pleno”, pois maior que a necessidade de compreensão é poder senti-la.

As pessoas buscam na obra contemporânea, a compreensão, como nos ressalta Cocchiarale (2006, p.14) “o problema é que essas pessoas usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra”. Como nas experiências estéticas, mais que entendidas, necessitam ser vividas. A arte contemporânea é o caminhar junto à sociedade atual, necessita ser vista, ouvida, tocada, necessita ser sentida.

### 3.2 ALGUMAS POÉTICAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA: INSTALAÇÃO E PERFORMANCE NAS OBRAS DE HÉLIO OITICICA

Observar a arte não significa “consumi-la” passivamente,  
mas tornar-se parte de um mundo ao qual pertencem  
essa arte e esse espectador.

ARCHER, 2001.

A arte contemporânea, como vista anteriormente, surge temporalmente na história que acompanha as demandas e necessidades das sociedades de diferentes tempos. Não sendo diferente no mundo contemporâneo, essa perpassa constantes transformações, vem ao encontro do público abarcando novas

narrativas<sup>24</sup>, pois ao contrário do que muitos pensam não se trata de uma nova arte, mas a arte que viabiliza se aproximar do espectador com outras poéticas<sup>25</sup>.

A arte não se manifesta mais apenas pela pintura, escultura, gravura, entre outros. Traz para seu contexto outras formas de se manifestar, porém, faço evidência à performance e a instalação, as quais contemplam o gesto, o corpo, a hibridização de linguagens e o ambiente, ao mesmo tempo em que abrangem o objetivo de minha pesquisa: compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens de performance e instalação perante a propostas que contemplam vivências com a arte contemporânea.

As terminologias e poéticas existentes na arte contemporânea não são algo recente, segundo estudos de Freire (2006)<sup>26</sup> é notório que já nos primeiros anos do século XX, na arte conceitual, as instalações estão presentes e são compreendidas como a “operação artística em que o espaço (entorno) torna-se parte constituinte da obra”.<sup>27</sup> O objeto artístico não é mais algo isolado no espaço, tal qual passa a ser parte do conjunto no todo, ou seja, são elementos (re)organizados num determinado espaço, que constituem a obra de arte dita instalação, no entanto, há uma interface de diálogos entre ambos, na qual, juntos se unificam. Entretanto, é importante ressaltar como na arte, o conceito de instalação é variável e situa-se em diferentes dimensões históricas (HUCHET, 2006).

Concordo com a ideia de Cauquelin (2005, p. 147) quando nos coloca que a instalação “abre um espaço de representação no qual se produzem objetos de arte”, porém, questiono tal afirmação, pois ao mesmo tempo em que produz a instalação é o objeto da arte. É a ‘porta’ de acesso para as relações entre o sujeito e o próprio lugar onde esse habita – o mundo, o qual nós reorganizamos em espaços.

---

<sup>24</sup> Comungo da concepção de Canton (2009, p. 37), quando pontua que as novas narrativas da arte contemporânea “incorporam sobreposições, fragmentações, repetições, simultaneidade de tempo e espaço – enfim, todo o jogo que pode fornecer elementos para a criação de uma obra de sentido aberto, que se constrói durante a relação com o outro, com o público, como o leitor, com o observador).

<sup>25</sup> “Refiro-me a poética em torno da palavra tríade, correlacionando com o envolvimento destes três sujeitos. No dicionário ‘Novo Aurélio: século XXI’ encontramos uma definição de tríade que diz: “S.f. 1. Conjunto de três pessoas ou três coisas; trindade; trilogia. [...] 4. Mús. Acorde de três sons. [...]” (FERREIRA, 1999, p.1998). Com base em reflexões de Corrêa (2009, p. 24) abordo poética e processo poético como processo de criação, o qual não se restringe apenas ao resultado final da obra, mas todo o desenvolvimento para criação dessa, como também a relação entre objeto artístico, artista e público.

<sup>26</sup> FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

<sup>27</sup> Ibid 2006, p. 45.

Para tanto, é necessário compreender qual concepção de espaço e lugar pontuado e bastante discutido nas questões contemporâneas da arte.

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade para duas coisas ocuparem o mesmo lugar. [...] Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. (CERTEAU, 1996, p 201–202 apud Stolf, 2007).

Visto que, os espaços são resultantes da prática dos sujeitos, a instalação é indissociável desse, pois necessita de tal, da mesma forma em que precisa do espectador, do conjunto de matérias que a compõem e do artista para se concretizar, como também, todos esses fatores contribuem para uma dimensão temporal e efêmera nessa, pois a cada espaço que perpassa e a cada interação dos espectadores, um novo contexto se insere, porém nem todas as obras do dito contemporâneas apresentam tal aspecto. O mesmo também acontece nas performances, são momentâneas e a cada momento em que são vivenciadas, se (re)significam.

A performance, na etimologia da origem inglesa de sua palavra significa desempenho, mas no meio artístico geralmente associam ao uso do corpo como princípio essencial para a legitimação dessa poética, no mesmo instante em que “somos levados a pensar em um único formato, baseado no artista em uma ação ao vivo, visto por um público, num tempo e espaço específico” (MELIN, 2008, p. 07). No entanto, devemos considerar as variáveis formas de disseminação dessas, pois como afirma Mostaço (2009), a performance sempre esteve presente no dia-a-dia das pessoas, mas passava despercebida, pois o fazer ou desempenhar estão presente no cotidiano de forma tão natural que raramente paramos para refletir como desenvolvemos ou realizamos.

Em meados das décadas de 1960 e 70 a performance torna-se visível e intencional, nas artes visuais, no teatro e de modo geral para a cultura. Marca as mutações no estado da arte, onde a concepção de público participante e a relação entre o artista, a obra e o espectador foi reescrita (COELHO, 2009).

A participação do espectador diante da reavaliação do objeto era imprescindível, estabelecendo ao artista a condição de um propositos de

ações, que seriam levadas a termo pelo espectador – participante. Obras como as de Hélio Oiticica ou Lygia Clark, diante das quais o espectador era sempre solicitado a usá-las ou manipulá-las, pois a mera contemplação não bastava para revelar seu sentido. (MELIN, 2008, p. 57)

Como na instalação, a performance propõem a interação entre a obra – criador e o público, da mesma forma em que pressupõe a experimentação e exploração de um espaço até então despercebido – o corpo, vivo e atuante, o qual ocupa e interage com um lugar – o mundo. Enfim, um corpo que se insere numa sociedade irradiada por uma determinada cultura, que vem repercutir na performance, pois essa “marca a identidade, submete o tempo, remodela e adorna o corpo e conta histórias” (SCHECHNER *apud* MOSTAÇO, 2009, p. 18).

É importante ressaltar que as performances se caracterizam como obras de instantes, momentâneas, são ações executadas em um espaço específico e tempo determinado e a cada novo ambiente que essa se manifesta, não será mais a mesma, outras relações e diálogos entrarão em cena; no entanto elas podem transitar pelo tempo, nas memórias ou em registros fotográficos, vídeos e filmes (FREIRE, 2006). Também não podemos deixar de refletir sobre os estudos performáticos, os quais partiram do cotidiano para o meio artístico e são compreendidos aqui como “conjunto de noções, conceitos e diretivas que agrupa o dimensionamento das performances” (MOSTAÇO, 2009, p. 16).

Tais estudos viabilizam refletir sobre a utilização do termo performance em diferentes tempos e espaços, pois os comportamentos performáticos não estão presente apenas nas artes e no contemporâneo, como também, a performance não acontece de maneira isolada as outras linguagens que a arte contempla. É notória a presença de uma interdisciplinaridade com a presença da música, poesia, dança, teatro, pois essas perpassam também pela teatralidade. Todas essas inter-relações nas artes, inclusive na performance e instalação, caracterizam o hibridismo<sup>28</sup> da arte contemporânea.

Artistas da arte moderna e também contemporâneos, utilizaram e utilizam tanto da performance quanto da instalação em suas obras, como podemos observar nos projetos de pesquisas e obras de Hélio Oiticica (1937-1980). Um artista

---

<sup>28</sup> O hibridismo é compreendido aqui como nos pontua Narloch (2007, p. 32) “a impossibilidade de conceituar uma criação artística como pertencente a uma única vertente, categoria ou cultura, decorrente do ilimitado experimentalismo da arte contemporânea. Não há mais limites entre pintura e desenho, ação e performance, objeto e escultura, instalação e *site specific Work*.”

moderno com singularidade simbólica para a arte concreta<sup>29</sup> no Brasil e a arte contemporânea, como nos coloca Freire (2006), pois em suas pesquisas, Oiticica apresenta tendências que permeiam pela arte até na contemporaneidade, como: a participação do espectador nas obras envolvendo o tátil, corporal, visual, semântica, etc; superação do quadro de cavalete; abordagem e posicionamento perante as causas políticas, sociais e éticas da sociedade nas artes.

Oiticica por meio de suas obras trabalha nos limites da relação entre arte, sujeito e mundo. Supera o inesperado, como a provocação do sensível e de todos os sentidos (tato, olfato, visão, paladar, audição), relacionando com o lógico e as causas sociais e culturais de sua sociedade; caracteriza-se como o artista inventor, “nele brilha o imaginário de uma saga: a busca, implacável e apaixonada, de algo que, além da “arte experimental”, se manifesta como puro “experimental”. (FAVARETTO, 2000, p. 16)<sup>30</sup>. Propõem a vivência estética e contempla em sua criação tanto o discurso, o processo de construção e a obra propriamente dita relacionada à cultura a qual emerge.

Em Oiticica operam deslocamentos, subordinando-se as rupturas à continuidade: um “*programa in progress*” no qual se manifesta, paulatinamente, o sentido das efetuações; das diversas posições do experimental. Todo o trajeto é um único desenvolvimento.<sup>31</sup>

Nas obras de Oiticica é perceptível o constante processo de desenvolvimento e a proximidade da obra com a vida, como nos *Parangolés*, os quais propõem o ato expressivo, e não distante do cotidiano, “são abrigos que envolvem o corpo: salientam ações e gestos esplendentes de cor: carregar, andar, penetrar, percorrer, vestir, são os atos das extensões do corpo” (FAVARETTO, 2000, p. 105). Consistem em performances onde a cor ganha corpo e movimento, para Oiticica “o Parangolé significava a transmutação da arte e da vida”.<sup>32</sup>

Hélio Oiticica propunha nas suas obras, a habitação do público, ou seja, o

---

<sup>29</sup> Como nos pontua Canton (2009) a arte concreta deriva do movimento construtivista que se iniciou nos anos 1910, na Rússia, objetivando explorar o modo de representação geométrica em meio a formas simplificadas e seriadas, vislumbrando retratar o ser humano vivendo em um mundo em constante transformação industrial. Tal movimento foi uma das inspirações para as artes das primeiras décadas do século XX. O mesmo vem a repercutir no Brasil com os neoconcretas, onde Hélio Oiticica era integrante desse movimento, o qual defendia que na abstração geométrica encontrávamos alma e corpo. Mais a frente o artista supera os limites da arte neoconcreta, integrando suas experiência aos sentidos e relações da arte com o corpo.

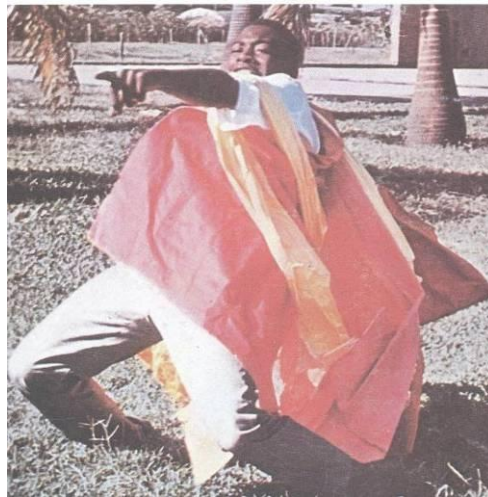
<sup>30</sup> FAVARETTO, Celso Fernando. **A invenção de Hélio Oiticica**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

<sup>31</sup> Ibid 2000, p. 18

<sup>32</sup> Ibid 2000, p.114

espectador passa a vivenciar sua criação, tornando-a um ambiente no momento em que esse o vestia, como nos *parangolés* (figura 1). Nesse ato a obra se (re) constrói a cada instante que uma nova pessoa a experimenta ou interage com essa.

Figura 1 - Parangolé P4, capa 1, 1964  
Lona, filó, náilon e plástico com pigmentos



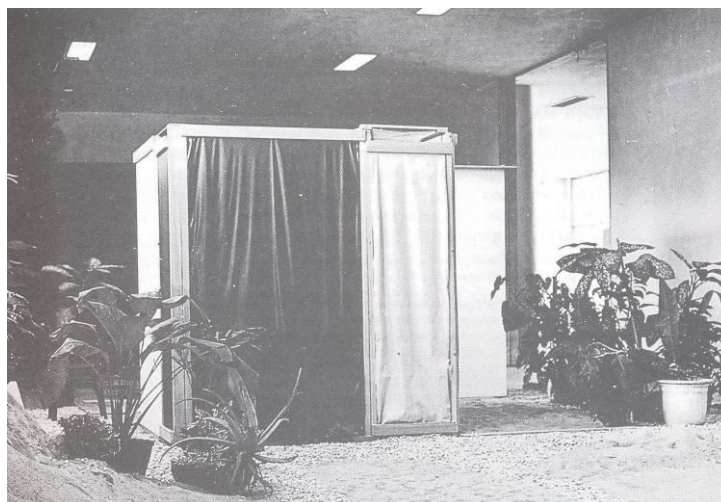
Fonte: Favaretto (2000, p. 109)

O mesmo exemplo encontramos na instalação do artista - *Tropicália*<sup>33</sup> (figura 2). O espaço que é interferido pelo espectador, mas não se trata apenas de contemplação, mas a soma de todos os sentidos envolvidos, para além da percepção visual, chega à percepção sensível. Portanto, o artista propõe na sua criação *Manifestações Ambientais*, as quais Favaretto (2000, p. 121) define como:

[...] são lugares de transgressão em que se materializam signos de utopias (de recriação da arte como vida); espaços poéticos de intervenções míticas e ritualísticas realizam a poética do instante e do gesto. [...] compõem o programa de uma arte da totalidade: conjugam linguagem, espaços e tempos dispersos, reconceituando a arte, cujo objeto se desintegra e a imagem se recria.

<sup>33</sup> Segundo Favaretto (2000) *Tropicália* é um labirinto feito de dois penetráveis, com plantas, areias, araras, poemas-objetos, capas de *Parangolé*, aparelho de TV. Faz uma inter-relação entre o primitivo, popular e as imagens, mensagens, propondo experiências gestuais, táteis, sonoras, como também brincadeiras e caminhadas, pois ao entrar no ambiente o participante caminha sobre britas e areias, passa por poemas entre folhagens, brinca com araras. Portanto tal obra caracteriza um ambiente tropical, evidenciando a cultura brasileira.

Figura 2 - Tropicália: PN2, PN3, abril 1967



Fonte: Favaretto, 2000, p. 141

Um artista propositor, assim poderíamos chamá-lo, que propunha ao espectador sentir-se criador da obra também, como nos coloca Favaretto (2000, p. 124), um artista “motivador para a criação”. Pois Oiticica propõe a recreação daquilo que já está posto, volta o olhar para o cotidiano, e toma como protagonista da história não apenas ele - artista, mas o participante se torna o personagem essencial para que sua obra se realize.

### 3.3 ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES A SEREM EXPLORADAS

A arte está presente no contexto cultural, em nossa história pessoal, nas questões sociais que operam na sociedade, como as econômicas, políticas, ecológicas. Propicia relações entre o objeto artístico e as manifestações culturais, presentes no tempo e espaço. De acordo com a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998, p. 198) “o objeto artístico é identificado no seu tempo, mas apreendido a partir de um olhar do hoje, isto é, o passado é significativo quando responde as indagações do presente e projeta o futuro”. Mediante a esse pressuposto abordarei a seguir proponho algumas reflexões sobre o ensino da arte na contemporaneidade, bem como sua relevância para a inserção da arte contemporânea no espaço escolar.

Segundo Lamas (2007, p. 07) “a arte e os artistas estão inseridos em um contexto social e histórico em constante reformulação, no qual suas ações estão em

sintonia com concepções e significados característicos de seu tempo”. Portanto as manifestações e estilos artísticos representam visões de mundo de sua época, não significando que haja período artístico mais atualizado que outro, pois cada um se desenvolve de acordo com seu contexto social. Para os alunos é primordial poder compreender e interpretar essas representações relacionando-as ao seu tempo, para que uma efetiva aprendizagem significativa aconteça.

Primeiramente há uma necessidade de refletirmos sobre qual ensino da arte estamos nos referindo. Um ensino integrado ao currículo escolar, que viabiliza promover a formação cultural dos alunos e se torna extremamente fundamental, pois além da formação para a cidadania, é o ensino para a vida. A arte é esse caminhar junto à humanidade, contém em sua essência a reflexão sobre o eu e o lugar ao qual esse eu se insere; enfim, nos faz pensar sobre a produção cultural do ontem, do hoje e do amanhã. Como nos coloca Pillotto (2008, p. 38) “poderíamos pensar que arte no currículo é fundamental, pois possibilita um olhar mais amplo e complexo sobre o patrimônio cultural da humanidade; mais ainda, nos permite refletir sobre que sujeitos somos nós, construtores também desse patrimônio.”

Deparamo-nos com uma educação que emerge em meio à contemporaneidade, momento o qual se caracteriza com novas formas de inserção e relação do ser humano com o mundo, como também, a disseminação das informações e o crescimento frenético da tecnologia são resultantes do tempo o qual estamos vivendo e, todos esses fatores vêm a repercutir em sala de aula e de modo geral na arte.

O momento contemporâneo, por vezes qualificado de pós-moderno, vem trazendo uma série de modificações para a vida humana. Este momento, que engloba inovações tecnológicas, diferentes fluxos de informações e uma nova abordagem do conhecimento geral, provoca, ainda, novas problemáticas, que desestabilizam antigas certezas. (MENEZES, 2007, p. 69)

Para tanto, é necessário se pensar em um ensino de arte que dialogue com as novas narrativas do dito contemporâneo, uma arte extremamente conectada e de certo modo indissociável da vida – a arte contemporânea. Abordá-la em sala de aula não significa descartar os demais períodos históricos, mas ao contrário, percorrer pela linearidade histórica da arte e até mesmo da sociedade, relacionando o ontem e o hoje. A arte contemporânea é o refletir sobre o seu tempo e as causas



sociais que permeiam por esse, como também, perpassa períodos históricos, pois para compreendê-la é indispensável à pesquisa sobre as transmutações na arte. Acredito que essa no contexto escolar “permitiria uma visão da arte como processo ativo e dinâmico, que não se relaciona apenas com o passado distante, mas com o atual momento em que vivemos.” (MENEZES, 2007, p. 71)

Ter a arte contemporânea integrada ao planejamento dos professores é, sobretudo, se postular contra a fragmentação do ensino da arte em sala de aula, onde apenas alguns movimentos históricos são evidenciados, uma linguagem artística ou outra, fazendo com que o educando pense que a arte está distante e restringi-se apenas a algumas vertentes artísticas, como a escultura ou pintura; é percorrer por diversas poéticas presente nessa e também se aproximar do cotidiano do aluno, partindo do princípio que as obras contemporâneas pautam-se na utilização de materiais tão inusitados, quanto inesperado para uma produção artística. Perante aos olhos de um leigo em arte, ver uma obra com objetos do cotidiano, estando tão próxima da vida é difícil de compreender, ao mesmo tempo em que é estranho, porém, usufruir do ensino dessa para relacionar cotidiano com a construção do conhecimento, é superar limites e permitir que o aluno se perceba no processo de ensino aprendizagem.

Todo conhecimento constitui a unicidade, a compreensão de que o todo está em todo lugar; portanto, a educação em arte não deve se constituir em fragmentos, mas em interações, nas quais um contexto se comunica com o outro, um contexto aprende e ensina ao outro. (PILLOTTO, 2008, p. 51)

Outro fator importante proporcionado pela abordagem da arte contemporânea no ensino da arte é a transdisciplinaridade<sup>34</sup> permitida por essa. As obras contemporâneas contêm em suas poéticas conteúdos geopolíticos, econômicos, sociais, princípios da ciência, física, química, etc... Tais aspectos da obra de arte na contemporaneidade permitem a arte caminhar em outras áreas, estendendo-se seu campo de diálogo.

[...] uma abordagem que não é apenas formalista, que pode ir além da decodificação do que vemos e das leituras prontas, e que não se estrutura numa ordem de progresso. Razão e sensibilidade são discutidas numa

<sup>34</sup> Comungo da conceitualização de Rodrigues, quando nos aponta transdisciplinaridade com o sentido de “potencializa a idéia de caminhar, de ultrapassar as fronteiras das disciplinas e de ousar transitar por elas”. Artigo publicado no site [www.pucsp.br](http://www.pucsp.br) \_ RODRIGUES, Maria Lucia. **Caminhos da Transdisciplinaridade** - fugindo a injunções lineares. Acesso em 31/10/2011 às 20h32min.

abordagem que não se restringe ao discurso dicotômico do “ou...ou”, mas que pode abarcar diversas visões e interpretações num inclusivo “e...e”. (PILLOTTO, 2008, p.72)

Partindo do princípio de que o aluno chega à escola com um conhecimento prévio, oriundo de suas experiências de vida, aos professores cabe desenvolver e ampliar esse, assim como, para uma aprendizagem ‘real’, necessitamos estabelecer relações com o meio o qual esse educando se insere, pois “as relações imediatas que estabelecemos com nosso mundo acontecem no presente, onde existe tão somente o aqui e o agora” (MADDALOZZO; AMORIM)<sup>35</sup>.

O aluno para estar plenamente conectado com seu espaço-tempo de vida, e ter um entendimento total do ponto de vista estético, necessita fluir da arte que lhe é contemporânea, sobre isso argumenta Gardner (1996, p. 34 *apud* MADDALOZZO; AMORIM) “somente a arte que está sendo produzida aqui e agora, enquanto estamos vivos e presentes, pode ser chamada propriamente de nossa”.

Dessa forma, voltando para os sujeitos dessa pesquisa - a criança se relaciona com seus próximos com uma linguagem comum a seus contemporâneos, assim a integração estética e sensível dessa com seu em torno se faz pela fruição da arte contemporânea, relacionando-a com seu cotidiano, esta deve desenvolver seu vocabulário a partir de expressões artísticas que lhe seja contemporânea. Sobre isto Ferraz e Fusari (1993, p. 42) nos dizem:

(...) é na continuidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiúra, etc. esta elaboração se faz de maneira ativa, à criança interagindo vivamente com as pessoas e sua ambiência. Em outras palavras, a criança, participa de diversas maneiras das complexas manifestações sócio-culturais, como sucede com as artísticas, estéticas e comunicacionais, e, participando, ela é capaz de reelaborá-las, de reconstruí-las em seu imaginário, formando idéias e sentimentos sobre as mesmas, e expressa-las em ações.

Por mais que a arte contemporânea caracterize um território de estranhamento, ela dialoga com o tempo e espaço o qual atualmente os alunos estão vivenciando e vislumbra a reflexão sobre a cultura que esses emergem. Para tanto, podemos pensar nas relações que as crianças podem estabelecer com seu cotidiano ao dialogar com aquele que está emerso no contexto artístico – o artista.

---

<sup>35</sup> Publicado no site [www.ufsm.br/lav/noticias1\\_arquivos/arte\\_contemporanea](http://www.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/arte_contemporanea) - **Arte Contemporânea na Educação Infantil**: uma proposta de estágio. Acesso em 15/10/2011 às 17h30min.

Conhecer os artistas, ver como trabalham, observar suas obras é outro passo para aprender a pensar e apreciar arte. A observação atenta do trabalho artístico e sua inserção na sociedade, a sua identificação, a percepção da linguagem e dos significados que contém, são conhecimentos específicos do campo artístico e que aprimoram tanto o processo de produção como a percepção estética (FERRAZ; FUSARI 2009, p. 29).

Dessa forma, é na continuidade de relações estabelecidas com seu em torno e os sujeitos pertencentes a esse, sendo capazes de pensar em arte e sobre arte, que os alunos constituem sua formação para além da cidadania, para a vida.

#### 4 METODOLOGIA: ESTRUTURANDO CAMINHOS

Ao refletir sobre a essência da pesquisa me deparo com a (re)significação do olhar e (re)construção do conhecimento por meio da descoberta, estranhamento e o ato criador. Acredito como coloca Demo (2001, p. 16) que pesquisa é “atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem” na mesma instância em que “pesquisar não é somente produzir conhecimento, é, sobretudo aprender em sentido criativo” (p. 43).

A presente pesquisa tem como título “Uma porta que abre a outra porta e chega a nossa imaginação: é possível trabalhar a arte contemporânea nas séries iniciais”. Segue a linha de pesquisa Educação e Arte, previsto no ementário do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, e é composta pelo seguinte problema: Como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica e Odete Calderan? O problema que estabelece o foco da pesquisa norteia-se com outras indagações pertinentes como: Qual a contribuição do ensino da arte contemporânea para o desenvolvimento cognitivo e a formação cultural das crianças nas séries iniciais? Como a arte contemporânea pode ser inserida no contexto escolar das crianças nas séries iniciais? Quais contribuições têm a inserção de um artista Contemporânea no espaço escolar para a formação da percepção estética das crianças nas séries iniciais do ensino fundamental? De que forma a criança nas séries iniciais se relaciona com um artista no espaço escolar?

Mediante o problema apresentado e as questões que o norteiam tenho por objetivo geral compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens performance e instalação perante a propostas que contemplam vivências com a arte contemporânea. Desdobra-se em outras questões específicas, como: analisar dados que envolvam experiências estéticas dos alunos com a arte contemporânea; sistematizar teoricamente questões relacionadas ao processo de fruição da criança na arte contemporânea; investigar quais as contribuições que a abordagem da arte contemporânea proporciona aos alunos; possibilitar uma reflexão sobre a importância de se abordar a arte contemporânea desde as séries iniciais do ensino fundamental; proporcionar o contato dos alunos nas séries iniciais com uma artista

contemporânea no espaço escolar; realizar coleta de dados envolvendo os espaços de narrativa como forma metodológica que dialogue com os princípios da pesquisa sobre arte; propor uma formação continuada para os professores de arte da rede municipal e estadual com o intuito de possibilitar intervenções/contribuições na realidade observada.

Essa pesquisa foi realizada em outubro de 2011, nas escolas E.E.B. Eufrázio Avelino Rocha<sup>36</sup> e E.E.B. Manuel Gomes Baltazar<sup>37</sup> da rede estadual do município de Maracajá/SC<sup>38</sup>, com os alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Toda a pesquisa visou estar em comum acordo com as instituições.

Para a coleta de dados desenvolvi oficinas de arte contemplando o tema arte contemporânea, no período contra turno ao horário de aula das crianças participantes da pesquisa. Os alunos foram convidados a participar, perante a disponibilidade de cada um e autorização dos pais e/ou responsáveis.

A partir das oficinas os dados foram coletados por meio dos espaços de narrativa, onde segundo Honorato (2008), ocorreram “espaços de troca entre sujeitos e pesquisador” constituindo assim “uma forma diferenciada de ouvir” onde os envolvidos “deixam de ser objetos de pesquisa para ser sujeitos dela – mais que isso, tornam-se co-autores das investigações, pois mudam seus rumos, apontam novas possibilidades, (re)constroem os caminhos previamente pensados” (HONORATO, 2008, p. 117). E ainda:

Esses a que chamo de *espaços de narrativa* são constituídos por narrativas orais, corporais, gestuais e visuais. Emergem quando se acredita na potencialidade da história de cada um, na constituição de sujeito fazedor de sua cultura, no valor da história narrada, na concepção de história descontínua. (HONORATO, 2008, p.116).

<sup>36</sup> De acordo com o PPP (2010) A Escola de Educação Básica Eufrázio Avelino Rocha, está localizada à Rua Eufrázio Avelino Rocha, n.º 115, Vila Beatriz, Maracajá – S/C. Mantida pelo Estado de Santa Catarina e administrada pela Secretaria de Estado da Educação, possui 280 alunos com idades entre 06 a 14 anos. Aborda em sua concepção pedagógica o objetivo de “promover uma educação que introduza o indivíduo no momento histórico e social de sua época, possibilitando-lhe conhecer e relacionar-se com a realidade social e cultural de seus contemporâneos” (p. 04)

<sup>37</sup> A escola de Educação Básica Manoel Gomes Baltazar, situa na Rua Pedro Rocha, 111 – Centro, Maracajá, SC – integra a rede público de ensino e está vinculada ao Sistema Estadual de Educação. Tem por objetivo garantir a “socialização do saber historicamente acumulado, a construção e divulgação de novos conhecimentos, visando o desenvolvimento do educando, no exercício da cidadania” (PPP 2010, p. 04)

<sup>38</sup> O município de Maracajá está localizado no sul do Estado de Santa Catarina próximo ao oceano na zona litorânea, possui uma área de 63.4 km<sup>2</sup> (dados do IBGE) e sua população é de aproximadamente 6 mil habitantes. Conforme dados disponíveis em: <http://www.maracaja.sc.gov.br>. Acesso: 08/11/2011 às 15h30.

Estas oficinas/espços foram desenhados de forma a buscar evidenciar como os grupos reagem as diferentes experiêcias que enfatizam a arte contemporânea, em especial as obras de Hélio Oiticica (artista contemporâneo) nas linguagens de instalação e performance, como também a visita de uma artista contemporânea a escola, Odete Calderan.

A pesquisa se caracterizou em uma abordagem qualitativa, de natureza básica, pois “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas” (MINAYO, 2004, p. 22). Parte do princípio em que “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2002, p. 53).

Ao mesmo tempo em que se constituiu em uma pesquisa exploratória que de acordo com Gil (1999, p. 45) “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Desta forma, em comum acordo com a direção das escolas e seus professores de arte, desenvolvi as oficinas em espços de narrativa nas dependências das escolas.

Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva com a descrição e análise dos dados sobre os sujeitos envolvidos. De acordo com Gil (1999, p. 47) “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial as descrições das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Minha pesquisa teve como protagonistas as crianças do primeiro ao quinto ano (séries iniciais) das escolas citadas, porém na escola E.B. Manuel Gomes Baltazar (aqui será posta como nº 2) participaram apenas alunos do quarto e quinto ano, como o colégio apenas poderia oferecer salas vagas para a realização da oficina no período vespertino, pude convidar apenas os educandos do período matutino e, nesse horário de aula, apenas essas duas turmas das séries iniciais estudam, então, abri sete vagas por turma e obtive retorno de sete crianças; quinto ano (2) e quarto ano (5). Neste viés, na escola E. B. Eufrázio Avelino Rocha (a qual irei me referir como nº 1) pude desenvolver as oficinas apenas no período matutino, sendo assim, abri cinco vagas por turma, de primeiro a quarto ano, porém em algumas houve exceções com participação de seis alunos da mesma classe. Retornaram para a pesquisa 17 alunos, sendo no primeiro ano (3), segundo (4), terceiro (6) e no quarto ano (4) alunos.

Como houve um grande número de alunos interessados alguns critérios foram necessários, como da preferência aos que morassem perto da escola e a aqueles que os pais pudessem acompanhar na ida e vinda das oficinas, viabilizando eventuais contra tempos.

Ao todo foram 24 alunos, envolvendo as duas escolas, porém o primeiro e o segundo momento, embora aconteceram nos mesmos dias mas com cada aluno na sua respectiva escola e em períodos diferentes. Apenas no terceiro momento foi realizado na escola nº 1, com todos os alunos juntos no dia 25 de outubro das 9:00 às 11:00, com a visita de uma artista a escola. No entanto em ambos os estabelecimentos as crianças de 1º ao 4º ano participaram juntas das oficinas na sua escola, a nº 1, como também o quarto e quinto ano na escola nº 2, ou seja, todas as séries juntas nas oficinas, apenas separadas de acordo com a escola.

Saliento que esta pesquisa não tem por foco estabelecer uma resposta final e única, mas vislumbrar novos horizontes e olhares sobre a abordagem da arte contemporânea nas séries iniciais do ensino fundamental, abordando subsídios teóricos que sustentam as indagações e hipóteses nela levantadas, contribuindo para a formação do conhecimento científico. Portanto pretendo propor um seminário para a formação de professores, com especialistas envolvendo vivências estéticas com artistas contemporâneos contemplando a arte contemporânea na prática pedagógica dos professores de arte.

## 5 REFLEXÕES EM CURSO: ARTE CONTEMPORÂNEA EM DIÁLOGO COM A REALIDADE ESCOLAR

Tão importante como conhecer e vivenciar a arte é compreendê-la no espaço/lugar/tempo culturalmente construído.

PILLOTO, 2008, p. 37

Após dialogar com diferentes autores, entra em pauta a arte contemporânea em diálogo com os protagonistas dessa pesquisa, os alunos das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá. Para a coleta dos dados indispensáveis a essa pesquisa propus momentos de vivências das crianças com a arte contemporânea, por meio de oficinas promovidas no próprio espaço escolar, onde os alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, não só compartilharam de seus conhecimentos prévios, mas usufruíram de momentos de aprendizagem.

As oficinas aconteceram em três momentos, sendo que no primeiro e segundo foram abordadas algumas poéticas da arte contemporânea – a performance e a instalação, com base nas obras de Hélio Oiticica. O terceiro momento contemplou a visita de uma artista contemporânea à escola – Odete Angelina Calderan. Ambos os momentos se formularam em espaços de narrativas, com troca mútua de experiências e conhecimentos. Portanto, viabilizando a compreensão de meu problema de pesquisa, procuro realizar uma discussão e reflexão sobre as falas, impressões, ações e reações das crianças diante do tema abordado.

### 5.1 PRIMEIRO MOMENTO – (RE)SIGNIFICANDO O ESPAÇO: INSTALAÇÃO NA OBRA DE HÉLIO OITICICA

Iniciei o circuito de oficinas nas escolas no dia 07 de outubro de 2011, no período matutino das 09h às 11h na escola nº 1 e vespertino das 14h às 16h na escola nº 2, objetivando a compreensão do meu problema de pesquisa, o qual se caracteriza em refletir sobre como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica? Para tanto, utilizei dos



mesmos procedimentos metodológicos com todas as crianças, em ambas as escolas. Nesse primeiro momento abordei com os alunos a instalação, mediante a obra *Tropicália* de Hélio Oiticica.

Na escola nº 1, recepcionei os alunos biblioteca (figura 3) e na escola nº 2 na sala de artes (figura 4), em ambas distribui um balão a cada educando, que após cheio espalhamos pelo chão da sala para tornar o espaço mais aconchegante e descontraído, para que as crianças se sentissem a vontade. Iniciei com um diálogo, explicando o motivo da proposta. Meu primeiro questionamento foi o que eles pensavam que iriam fazer na oficina? A resposta foi geral: “*Aprender sobre arte*”<sup>39</sup>. Alguns alunos, como os do quarto ano, já haviam participado de um projeto de estágio que desenvolvi na 5ª fase do curso de graduação abordando o tema arte contemporânea. O aluno José Fernando do quarto ano traz para o contexto do diálogo tal experiência, argumentando: “*Professora, vamos ver arte contemporânea que você outra vez explicou*”. Com esta fala é notável que a criança mantém em sua bagagem cultural suas experiências de vida, consideradas significativas.

Figura 3 – Momento inicial da oficina, alunos do 1º ao 4º ano da escola nº 1



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 4 – Momento inicial da oficina, alunos do 4º e 5º ano da escola nº 2



Fonte: Acervo da pesquisadora

Dando continuidade a oficina, perguntei aos alunos se conheciam o artista Hélio Oiticica. A maioria não o conhecia, porém, percebi que antes de apresentá-lo, uma indagação era pertinente: qual concepção de artista os alunos conheciam? Uma das respostas que obtive foi do aluno Sueder do quinto ano da escola nº 2 “*É aquele que faz quadros*”. As indagações continuaram, pois primeiramente senti a

<sup>39</sup> Na medida em que reconheço o sujeito como produto e produtores de cultura, tendo as crianças como personagens principais, ao mesmo tempo em que co-autores de minha pesquisa trago suas falas destacadas em *itálico*.

necessidade de saber o que aqueles alunos ali presentes, eufóricos e a espera de algo que para eles seria novo, pensavam sobre obra de arte. As frases que ressurgem em meio a murmúrios foram “*obra de arte é pintura, desenho*”. Nesse momento pude observar que para aquelas crianças a arte se manifestava apenas nessas vertentes.

[...] às questões relativas à arte e a sua história que são apresentadas em sala de aula dificilmente abordam os tempos artísticos contemporâneos. Como principal consequência, a arte torna-se, em sala de aula, uma produção do passado, na qual tudo é muito distante dos dias de hoje, da vida dos alunos. Para muitos falar em arte é falar em pintura e escultura – ambos representando com fidelidade algo do “mundo real”. (MENEZES, 2007, p. 70)

No desenrolar dos fatos, convidei as crianças para conhecermos o artista Hélio Oiticica e, ver se a arte era somente pintura e/ou desenho. Assistimos dois breves vídeos oriundos de um projeto do Itaú Cultural denominados “conexão cosmogolé”, os quais o primeiro contemplava a obra de Oiticica *Tropicália*<sup>40</sup>, exemplificando e explicando o que seria uma instalação. O segundo se refere a essência da obra de Hélio Oiticica, onde o artista propõe ao público vivenciar/ experimentar sua obra envolvendo a percepção sensível<sup>41</sup>. Tal experiência é perceptível na obra *Tropicália*, “estrutura e comportamento se entre – exprimem” (FAVARETTO, 2000, p. 138), essa obra – instalação faz um diálogo entre o raciocínio lógico, com os elementos ali colocados para uma reflexão sobre as causas sociais, contempla o sensorial e por vezes a própria imaginação.

Após a apreciação do vídeo e ao conversar com as crianças sobre quais as sensações despertadas e o que seria aquela obra para eles, todos os fatores descritos anteriormente se concretizaram, principalmente a respeito do processo imaginativo despertado por essa, como revela-se na fala de José Fernando, quando diz: “*é uma porta que abre outra porta e chega a nossa imaginação*”. Da mesma forma as demais crianças relacionam ao seu cotidiano os objetos artísticos presentes na instalação. Eles (re)formularam tais elementos atribuindo novo significado, como pontua Jéssica do quarto ano “*parece escritório*”, Maria Eduarda do primeiro ano “*casinhas*” e boa parte dos meninos “*vestiários*”.

Todos os locais e objetos associados à obra presente nas falas fazem

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KY1GqFVWEes&feature=relmfu>>. Acesso 06/10/2011 às 17h45min.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6XBrG55yzEY&feature=relmfu>>. Acesso 06/10/11 às 17h50min.

parte do cotidiano desses alunos, tanto da menina que brinca de casinha, como os meninos que freqüentam a escolinha de futebol e se remete ao vestiário. E para o artista a própria obra é resultante de sua experiência de vida.

O ambiente criado era obviamente tropical, como que num fundo de chácara, e, o mais importante, havia a sensação de que se estaria de novo pisando a terra. Esta sensação, sentia eu anteriormente ao caminhar pelos morros, pela favela, e mesmo o percurso de entrar, sair, dobrar “pelas quebradas” da Tropicália, lembra muito as caminhadas pelo morro [...] (OITICICA, 1986, p. 99 *apud* FAVARETTO, 2000, p. 138)<sup>42</sup>

Durante os diálogos também houve a presença do estranhamento, algo inevitável nas obras contemporâneas ou naquelas com princípios da contemporaneidade; foi o que sentiu João Pedro do quarto ano da escola nº 2: “*Que é isso? Que estranho*”. Além da fala a expressão de espanto foi inevitável diante daquilo que para ele era algo novo. Comungo da idéia de Menezes (2007, p.69), quando relata em seus estudos que se deparar com a arte contemporânea

[...] é abrir-se para o inesperado, o estranho e o incomum. É explorar o não-entendimento, a indagação (que muitas vezes vem acompanhada de uma certa indignação) diante de trabalhos que fogem do imaginado, do esperado, do que é concebido e valorizado como arte.

Ao convidar os alunos a exercitar sua percepção sensível e, como o artista Oiticica, propôs experimentar intensamente as coisas, colocando-os a sentir o cheiro de elementos como café, rosas, terra e também e a ver quais sensações temos quando pisamos na terra, na brita, na água, na espuma; com “ampla abertura de espírito”<sup>43</sup>, as crianças se permitiram vivenciar a experiência e perante a expressão nos rostos delas, observava que ao tocar, ver, cheirar, enfim ao sentir, as relações com todo o contexto que estava se desenvolvendo naquele momento, se intensificavam (figuras 5 e 6). Portanto, “expressar é criar um mundo interativo com a comunicação social, vital e ambiental, onde o que está fora do corpo é reelaborado a partir de sua presença”. (MEIRE, 2003, p. 22 *apud* PILLOTO, 2008, p.39)

<sup>42</sup>Aspiro ao Grande Labirinto. Seleção de textos (1954-1969), organizada por Luciano Figueiredo, Lygia Pape e Waly Salomão. Rio de Janeiro, Rocco, 1986. In: FAVARETTO, Celso Fernando. **A invenção de Hélio Oiticica**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2000

<sup>43</sup> Comungo da idéia de Maddalozzo e Amorim quando afirmam que “a criança é sujeito que mais apresenta essa fertilidade de espírito, tão necessária para a fruição da arte contemporânea”.

Figura 5 – Atividade: olhe, cheire, pise, enfim, sinta com aluno do quarto ano na escola nº 1



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 6 – Atividade: olhe, cheire, pise, enfim, sinta com aluno do quarto ano na escola nº 2



Fonte: Acervo da pesquisadora

A criança, no ato da atividade, que para elas passou a ser uma brincadeira, pude percebê-las, enquanto um corpo ativo, que se relaciona com o seu meio e os elementos presentes nesse. É nessa relação com o seu cotidiano que surgiu a proposta final da oficina: todos juntos construir uma instalação no espaço escolar. Para isso propus um desafio, onde deixei livre para pensarem como poderiam compartilhar das experiências vivenciadas em sala com os demais estudantes da escola. O surpreendente foi à ligação que as crianças fizeram com o cotidiano, usufruindo dos objetos que constantemente estão presente no dia-a-dia e (re)significando-os se tornaram uma produção artística.

Na escola nº 1 a ideia inicial partiu do aluno José Fernando: “*A gente pode fazer um pódio, como da fórmula 1 e colocar as areias, pétalas, a água, para os outros alunos poder sentir*”, porém, outra menina do segundo ano fala: “*Gosto de desenhar também*”, com esta colocação surge a ideia de uma instalação com desenhos e fragmentos de texturas (figuras 7 e 8). Em diálogos e acordos, os organizei em quatro grupos, alguns alunos do segundo ano, outros do primeiro, terceiro e quarto ano em grupos misturados. Mediante os materiais disponibilizados, os alunos desenvolveram em cada equipe uma produção artística, onde o mais instigante era a preocupação deles em deixar a sua marca, pois cada grupo pegou uma caixa e nas extremidades dessas trabalharam com desenhos e diversos materiais.

A criança em atividade fabuladora ou expressiva vive intensamente um processo de criação. Durante a construção ela se coloca uma sucessão de imagens, signos, fantasias, que às vezes são mais considerados por ela no momento em que aparecem do que no resultado das atividades. Estes fatos são muito importantes para o conhecimento da produção da criança, pois evidenciam o desenvolvimento e expressão de seu eu e do seu mundo. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 86)

Figura 7 – Crianças do primeiro, segundo e terceiro ano em processo de construção na escola nº 1



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 8 – Aluno do segundo ano em processo de construção na escola nº 1.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Após todos terem concluído, se organizaram e juntaram todos os elementos em um espaço para a criação da instalação. As produções artísticas produzidas por cada grupo foram (re)organizadas pelos alunos, que escolheram um lugar da escola para expor, porém não se tratou apenas de deixar em um determinado lugar. Eles fizeram questão de pensar o local, e agruparam todos os elementos artísticos produzidos no mesmo contexto (figura 9). Ao perguntar o porquê da escolha daquele ambiente, o qual se tratava de um ponto central da escola, todos respondem “*para chamar a atenção de quem passa*”. Me recordo de estudos em Cauquelin (2005), quando nos aponta que a instalação é a organização de vários objetos artísticos num espaço o qual passa a dialogar com tais elementos tornando o conjunto do todo, uma instalação. Não se trata apenas de expor, mas é fazer um convite ao público para interagir com essa; tal preocupação é viva nas crianças no momento de pensar o local e como (re)significar e interagir com esse ambiente.



Figura 9 – (Re) significando o espaço, montando a instalação



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na escola nº 2, com os alunos do quarto e quinto ano, o mesmo processo ocorreu, porém, se organizaram em duplas (figura 10). Nesta prática com os alunos foi perceptível a presença do figurativo no resultado final da instalação, pois as crianças relacionaram a instalação a uma maquete, visto isso na fala de Maria Eduarda do quinto ano: “*Professora instalação parece uma maquete*”. Mesmo diante de tal questionamento ser contextualizado e explanado em sala, é perceptível na produção final, que algumas crianças desenvolveram um prédio, outras o ônibus escolar e algumas uma casa (figura 11), provocando a forte ligação das crianças nessa faixa etária de idade com o figurativo e a dificuldade de se permitirem a novas experiências quando não estimuladas cotidianamente.

Figura 10 – Alunos do quarto ano em processo de construção



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 11 – Alunos do quarto ano em processo de construção



Fonte: Acervo da pesquisadora

Apenas uma menina do quarto ano, Jaine se ateve a cor e os elementos que provocavam a percepção sensível para o tato, criando assim, uma produção abstrata (figura 12), mas que trabalhava com a dinâmica de se pensar a cor que ganha vida e a obra que lhe convida a tocar e sentir.

Figura 12: Aluna do quarto ano com a produção artística com características abstratas.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Entretanto, na constituição da instalação em si, houve a preocupação em se pensar um lugar e o diálogo entre as produções artísticas, que juntas e organizadas em um espaço se tornaram uma só (figura 13).

Figura 13 - (Re)significando o espaço, montando a instalação.



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Nas duas escolas, após toda a exposição estar completa, voltamos para a sala e perguntei para os alunos sobre o que marcou em todo esse processo de ensino e aprendizagem. Uma resposta foi unânime em ambas: *“na arte podemos sentir as coisas”*. Esse sentir que as crianças citam a todo o momento é as relações que estabelecemos com o lugar o qual vivemos, é voltar o olhar para aquilo que muitas vezes é despercebido – o estar no mundo.



## 5.2 SEGUNDO MOMENTO – ENTRA EM CENA A PERFORMANCE NO CONTEXTO ESCOLAR

No dia 14 de outubro realizei o segundo momento da coleta de dados de minha pesquisa. Propondo aos alunos uma vivência com a linguagem da performance perante a obra de Hélio Oiticica, “*Parangolé*”, por meio da apreciação de um vídeo<sup>44</sup>.

Iniciamos um diálogo onde procurei observar quais as impressões foram causadas nos alunos perante a apreciação da obra *Parangolé*; em meio às falas ficou perceptível a presença do gosto, quando alguns alunos relatam “*gostei das cores*”, outros “*gostei da dança*”. Tais indagações da criança ao apontar o que lhe cativa na obra remete-se ao que nos coloca Lainer (1984, p. 6-7 *apud* FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 31) “evidentemente, cada aluno em particular – criança e adulto – terá seus próprios interesses estéticos”. A criança nas séries iniciais encontra-se em constante processo de construção da autonomia e evidentemente começa a expressar aquilo que sente, pensa com naturalidade.

Entretanto, ao perguntá-los qual desejo que sentiram ao ver os *Parangolés* a resposta foi geral: “*vestir eles e dançar*”. Foi então que os questioneei: de que forma poderiam vivenciar tal experiência se não trouxe nenhum *parangolé*? Todos responderam “*vamos construir o nosso*”, porém um menino, Kauam do terceiro ano, em um ato espontâneo disse: “*Mas não vou à rua vestido com ele*”, partindo dessa fala perguntei o porquê da preocupação de ir até a rua; eles se remetem a obra do artista explicando que para ela acontecer é necessário ter a dança, o movimento e ir até a rua, interagir com um lugar (figura 14). A essência da obra é captada, o próprio artista, via sua criação com tais características descritas pelas crianças.

O *Parangolé* não era, assim, uma coisa para ser posta no corpo, para ser exibida. A experiência da pessoa que veste, para a pessoa que está fora, vendo a outra vestir, ou das que vestem simultaneamente as coisas, são experiências simultâneas, são multiexperiências. Não se trata, assim, do corpo como suporte da obra; pelo contrário, é a total “in(corpo)ração”. (OITICICA, 1985, p. 48 *apud* FAVARETTO 2000, p. 107)<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=muWviJtXiDA>>. Acesso 06/10/2011 às 18h00

<sup>45</sup> Entrevista a Ivan Cardoso (1979). Folha de S. Paulo, 16.11.1985, p. 48 (“A Arte Penetrável de Hélio Oiticica”). In: FAVARETTO, Celso Fernando. **A invenção de Hélio Oiticica**. 2. Ed. São Paulo: Edusp, 2000.

A criança, ao seu modo, no processo de aprendizagem consegue ter uma percepção da proposta do artista e, relacioná-la ao cotidiano e ao próprio ambiente, porém quando percebe que terá um desafio onde estará em evidência perante aos seus semelhantes, apresenta no seu comportamento algumas resistências, que aos poucos são quebradas. Um fator importante a colocar é a posição das crianças do primeiro ano, pois todas não expressaram resistência nenhuma em experimentar sua produção partindo da referência de *parangolé*, fora da sala de aula, apenas os alunos do quarto ano sentiram-se receosos. No entanto, esses induzidos pelas demais crianças foram à rua e demonstraram que para eles se passou mais como uma brincadeira. Portanto comungo da idéia de Ferraz e Fusari (2009, p. 123)

Ao mesmo tempo em que representa as coisas e o mundo ou estabelece relações consigo e com o outro, a criança está brincando. Ela brinca criando e cria brincando. Com isso, a prática artística é vivenciada pelas crianças pequenas como uma atividade lúdica, onde “o fazer” se identifica com o brincar, o imaginar com a experiência da linguagem ou da representação.

Figura 14 - Alunos na escola nº 1 em processo de construção



Fonte: Acervo da pesquisadora

Nos alunos do quarto e quinto ano da escola nº 2, o processo de fruição aconteceu com outros aspectos. O estranhamento diante da obra foi evidente, pois após apreciarmos os vídeos sobre os *parangolés*, as perguntas que surgiam era “o que é isso?” Era perceptível nos olhares inquietos daquelas crianças em busca por uma resposta que lhes explicasse do que se tratava. A procura pela compreensão da obra, inclusive a contemporânea, é algo presente até mesmo no adulto, como nos coloca Cocchiarale (2006, p. 14) “o que está em questão é a busca ansiosa pela explicação verbal de obras reais e concretas, como se sem a palavra fosse-nos impossível entendê-las.”

Apenas depois de um diálogo, contextualizando a obra de Oiticica e eles construírem as suas produções artísticas, a essência dessas foi se esclarecendo perante os alunos (figura 15). Isso ficou evidente na fala do Suerder do quinto ano, pois ao perguntar, no final da oficina, se algo mudou sobre o que eles pensavam por obra de arte, ele respondeu: “*Pintura não esta só no quadro, o parangolé é uma pintura*”; Maria Eduarda também do quinto ano conclui que: “*É o movimento do corpo e as cores juntas que ganham vida*”. Embora no início as crianças desse contexto escolar ficaram atreladas apenas ao entender, no momento da produção permitiram-se vivenciar plenamente a experiência, tanto no ato de construir seu trabalho como no momento de colocá-la em prática.

Figura 15 - Alunos do 4º e 5º ano em processo de construção e finalização na escola nº 2



Fonte: Acervo da pesquisadora

Ao propor a esses alunos, para que explorassem o campus da escola, optaram por não se apropriar do ambiente fora da sala de aula, preferiram dialogar apenas com aquele espaço. Oiticica propõe em sua obra esse diálogo entre o espectador com seu próprio eu, como também, com seu entorno, “por meio do uso do parangolé ou do programa ambiental, Oiticica (1986, p. 81) proporcionou um espaço para a criatividade do espectador; uma vez manifesta essa criatividade, torna-se uma *performance*” (PELED, 2007, p. 67). A criança no processo de ensino aprendizagem iniciou inibida diante dos colegas, porém no ato criador manifestou seus anseios e se permitiu a inovação.

### 5.3 TERCEIRO MOMENTO – UMA ARTISTA EM MINHA ESCOLA

O terceiro momento aconteceu no dia 28 de outubro das 9h às 11h, com um encontro único e especial, que perpetuará nas lembranças de cada criança e adulto que pode vivenciá-lo. Nesta oficina os encaminhamentos foram outros, com a visita da artista Odete Calderan<sup>46</sup> ao espaço escolar, onde a própria conversou com os alunos sobre sua vida artística, compartilhou de sua paixão pelas relações entre o ser humano, o seu entorno e os elementos que compõem o mundo, como também, proporcionou uma reflexão sobre o eu e o lugar com a apresentação de suas obras. Remetendo-me a fala da artista, foi um momento de “troca mútua” de experiências, entre artista – crianças – pesquisadora – contexto escolar, pois houve o envolvimento do todo.

Coloco-me no contexto da experiência, juntamente com todo o espaço escolar, englobando alunos e equipe administrativa, afinal todos nos envolvemos, fomos ‘tocados’; tanto no diálogo inicial da artista com as crianças, como quando foram para o momento de experimentar a matéria utilizada por ela em suas obras – a argila.

Odete iniciou se apresentando, mostrou e conversou com as crianças sobre sua poética e propôs a eles uma oficina com argila, objetivando que cada um

---

<sup>46</sup> Odete Angelina Calderan é uma artista contemporânea, natural de Santa Maria/Rio Grande do Sul e atualmente é professora mestre da Universidade do Extremo Sul Catarinense/UNESC, reside em Criciúma/SC.



desenvolvesse seu elemento e/ou forma<sup>47</sup> (figura 16). Esse trabalho foi desenvolvido fora da sala de aula, sendo assim, foi inevitável não prender a atenção daqueles que não estavam no enredo da pesquisa (figura 17). Todos ao verem as crianças, mexerem e a brincarem com aquele material, que diante de nossos olhos desencadeava o desejo de tocá-lo e senti-lo, questionavam “*posso fazer também?*”, outros “*que vontade de pegar um pedaço desse barro*”. Portanto de uma forma ou outra, houve um envolvimento de todos, que mesmo sem poder naquele momento participar, ficou em volta a olhar. Foi um dos primeiros indícios da quebra de estereótipos sobre a arte estar distante de nosso cotidiano e de modo geral da vida.

Figura 16 - Diálogo inicial da artista com as crianças



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 17 - Hora de criar, desenvolvendo atividade artística no pátio da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Durante o diálogo, Odete fala sobre as relações que suas obras estabelecem com o lugar, explicando que tais obras partem de um elemento, ‘as esferas’ e que sua idéia para trabalhar com essa forma surge da observação do seu dia-a-dia. Ela cita exemplos e questiona para os alunos sobre onde é possível encontrar as formas iguais ao seu trabalho e eles citam “*planeta terra, o sol*”. Assim as crianças assimilam a relação da obra com o lugar e a vida. Calderan (2011, p.12) nos fala sobre sua poética:

Nesse envolver-se de forma muito pessoal, crio objetos (esferas cerâmicas), presenças que se repetem e se multiplicam, obedecendo e subvertendo regras de procedimentos constitutivos da linguagem no jogo do fazer com as mãos. [...] estabelecendo questões de deslocamentos por meio do diálogo com a fotografia (de registros do processo no ateliê) e experiências videográficas. Procuro tecer relações conceituais e processuais aos acontecimentos que envolvem e pertencem, ao mesmo tempo, à linguagem

<sup>47</sup> Refiro-me a elemento para a produção artística dos alunos, pois a artista aborda em suas obras elementos e formas que consistem em esferas e a todo instante ela se refere a tal propondo para os alunos criarem sua forma ou elemento.

da cerâmica (no ateliê). [...] uma prática artística que consiste na experiência de deslocamento para um lugar.

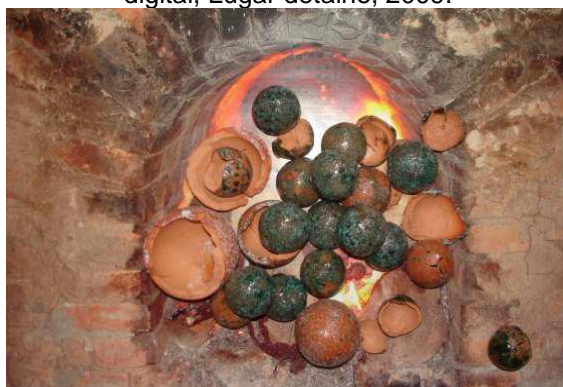
Ao mostrar fotografias de sua obra “*Entre esferas 2*”<sup>48</sup>, as crianças vão relacionando ao seu dia-a-dia, como na fala de Evertom e Sueder ao verem imagens de elementos da série “*UM todo em partes I*” e “*UM todo em partes II*” (2009)<sup>49</sup> (figura 18 e 19), falam “*parece boca de fornalha*”. Este objeto o qual eles assimilam tal fragmento da obra de Odete está inserido no próprio contexto da região, pois Maracajá é um município com forte predomínio da plantação de fumo, da agricultura e, no processo de colheita dessa matéria há presença da queima, das estufas. Relações do lugar o qual esses alunos moram com a obra da artista são estabelecidas a todo o momento, por envolver a terra, o barro e os mesmo ter tal envolvimento constante pelo próprio lugar propiciar, com a agricultura, o cultivo da terra. As crianças dessa forma foram se relacionando com a obra, a artista e sua realidade.

Figura 18 - *UM todo em partes I*. Fotografia Digital, Lugar, detalhe, 2009.



Fonte: Calderan (2011, p.47)

Figura 19 - *UM todo em partes II*. Fotografia digital, Lugar detalhe, 2009.



Fonte: Calderan (2011, p.50)

Com a apreciação das obras, além das relações estabelecidas com o lugar, outro fator evidente foram às sensações desencadeadas por elas,

<sup>48</sup> “Na escolha do lugar, encontrei novos modos de reatar com o concreto, o tangível, o vivido. Trata-se do recorte operado através do olhar, um olhar que definiu e detalhou as coisas” que se pretendia tornar imagem. A partir desses deslocamentos experienciados na instauração do processo poético, dando continuidade à série principal, desenvolvi a instalação *Entre Esferas 2* (esferas cerâmicas e projeção videográfica). Nesses intervalos do percurso da obra em processo, também criei a série *Um Todo em Partes I* (imagens impressas) e *Um Todo em Partes II* (imagens impressas e esferas cerâmicas)” (CALDERAN 2011, p. 46).

<sup>49</sup> “A proposta artística *Um Todo em Partes I* [...] constituiu-se em imagens fotográficas efetuadas a partir da experiência de deslocamento em um lugar. [...] que revelaram as particularidades específicas desse lugar: da arquitetura, das madeiras cortadas, do forno cerâmico, da matéria argila, de situações reais vivenciadas e experienciadas no contexto escolhido” (CALDERAN 2011, p. 46)

principalmente no momento em que as crianças apreciaram a “*Experiência com a instalação Entre Esferas 3*” 2011<sup>50</sup> (figuras 20 e 21), a expressão no rosto das crianças de encantamento foi visível e na espontaneidade em que falaram “*nossa as bolas tão pegando fogo*”. A imaginação entra em cena e por meio dessa a criança se permitiu a abrir-se com a artista, pois até então muitos se encontravam inibidos. Embora, estamos nos referindo à artista, que nesse contexto não deixou de se caracterizar como professora, comungo com Pillotto (2008, p. 47) quando nos coloca “a imaginação pode ser um elo para a construção dessa relação entre o professor e aluno, entre aluno e aluno, pois provoca motivações de ânimo em nível perceptual, racional, afetivo/emocional.”

Figura 20 - Experiência com a Instalação  
*Entre ESFERAS 3*, 2011



Fonte: Arquivo pessoal da artista Odete Calderan

Figura 21 - *Entre ESFERAS 3*. Instalação,  
detalhe, 2011



Fonte: Arquivo pessoal da artista Odete Calderan

O envolvimento das crianças com a artista se intensifica no momento da atividade no pátio da escola. No primeiro contato com a matéria-prima a qual Odete utiliza – a argila – fica estampado na face dos alunos o encantamento (figura 22), a cada pedaço distribuído é um momento único para eles com algo que constantemente está presente no seu cotidiano, porém passava despercebido – a terra.

Trabalhar criadoramente um material não é somente expressar-se, é possibilitar que esse material também se expresse, gerando, a contrapelo, comportamentos de simultaneidade com quem o trabalha, ou dialoga

<sup>50</sup> A série instalação *Entre Esferas 3* [...] é uma obra composta por objetos (esferas cerâmicas) repetidos enquanto forma (esferas texturas), pequenas médias e grandes, abertas e/ou fechadas. (CALDERAN, 2011, p. 78)



virtualmente. Tais comportamentos são de apreensão, compreensão e atuação (MEIRE, 2003, p. 22 *apud* PILLOTTO, 2008, p. 46)

Figura 22 - Crianças no primeiro contato com a argila no processo de construção.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Enquanto as produções artísticas se concretizavam, as falas apareciam, cada um estabelecendo suas relações com o lugar, como no trabalho de Maria Eduarda do quinto ano: “*Quis fazer a relação da natureza com a terra, trazendo o tijolo*” (figura 23). Everton do quarto ano aponta toda uma reflexão com seu trabalho: “*Quis representar com a esfera a terra, ela suja e limpa*” (figura 24). Para isso o aluno utiliza outros materiais presentes no campus da escola, como a brita que ele coloca na superfície de sua esfera representando a poluição e na outra metade utiliza linhas paralelamente postas, demonstrando a terra quando limpa. O mesmo processo da terra limpa, podemos encontrar quando o agricultor a prepara para plantar, assim, observo as relações feitas pelo aluno com seu em torno (re)significadas no seu trabalho. O mesmo aluno aponta uma concepção de estado do mundo e da continuidade ao seu trabalho produzindo outra esfera, porém nessa, ele coloca: “*Agora quis mostrar o planeta terra e os vários países que temos*” (figura 25).

[...] a experiência estética coloca a cognição em permanente desconstrução e reconstrução, pela vulnerabilidade aos acontecimentos, estados de espírito, relações com a cultura, saberes múltiplos vindos do corpo e de abstração, além do que a mente elabora a partir de paisagens do corpo, do



ambiente, da memória e da ficção. (MEIRE 2003, p. 30 *apud* PILLOTTO 2008, p. 47)

Figura 23 - Maria Eduarda, produção artística referente à relação estabelecida entre paisagem e a terra



Figura 24 - Everton, produção artística referente ao planeta terra 'sujo e limpo'



Figura 25 - Everton, produção artística referente ao planeta terra e os países que o



Fonte: Acervo da pesquisadora

As crianças demonstram que não se trata apenas de um fazer, pois os próprios passam a atribuir significações em sua criação, como explica Maria Eduarda “*primeiro iria fazer apenas uma bola e uns risquinhos, depois cortei e fiz oca, por ultimo pensei em colocar partes da paisagem e fechei*” (figura 26), assim sujeitos reflexivos vão surgindo e novamente pude perceber que “o aprendizado se constitui em real significado quando delegamos esforços na construção reflexiva do conhecimento” (PILLOTTO, 2008, p. 37).

Figura 26 - Produção artística de Maria Eduarda



Fonte: Acervo da pesquisadora

Outro fator importante é o olhar da criança do primeiro ano, quando traz em sua fala *“fiz igual o da Pro, por que eu quis igual o dela”* (Maria Eduarda, figura 27). Ao mesmo tempo em que faz suas relações com o meio, a criança deixa claro as características de seu desenvolvimento, buscando o adulto como referência, porém não se trata de uma cópia da realidade, mas o processo pelo qual as crianças se relacionam com o outro e, assim constroem o conhecimento.

[...] as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (BRASIL, 1998, p. 21-22 *apud* MADDALOZZO e AMORIM)

Figura 27: Maria Eduarda 1º ano com sua produção artística.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Os laços com a obra da artista continuam, desde as relações estabelecidas entre essas e o contexto o qual pertencem os alunos, como também é

visível o diálogo com a proposta de Odete, quando as crianças vão montar a exposição de seu trabalho, pois ao questioná-los onde expor, a primeira reflexão sugerida por eles é pensar um espaço que interaja com os elementos produzidos. O local escolhido foi um espaço na escola onde há várias árvores numa seqüência, escolheram uma dessas e começaram a dispor seus trabalhos ao redor dela, sendo que uma aluna optou por colocar sua forma esférica no ponto central da árvore. Ao perguntá-los por que aquele local, Everton do quarto ano responde: *“aqui pega sol, tem luz, é aonde vem bastante alunos”*; ao dispor as suas produções, os alunos vão explorando a forma circular que a árvore oferece. Após todos terem colocados seus trabalhos no espaço, perguntei qual resultado final que obtivemos? Eles responderam *“uma instalação”* (figura 28), continuei com os questionamentos perguntando por que para eles era uma instalação e, em meio às respostas surge: *“Por que todo mundo juntou todos os trabalhos”* (Sueder 5º ano); *“Porque esta usando o espaço, a árvore, as pedrinhas, tudo esta junto, é o ambiente”* (Maria Eduarda, 5º ano).

[...] o principal em qualquer pratica artistica é o conhecimento que se adquire quando a expressão supera as barreiras dos esteriótipos formais e se encontra com o inusitado, e esta possibilidade está presente sempre que se faça arte, independentemente da técnica e maturidade do praticante. Com um pouco de bom senso, o professor pode quebrar a lógica dos exercícios “destinados aos pequenos e aos grandes”, oferecendo desafios a ambos. (TATIT; MACHADO 2004, p. 4 *apud* MADDALOZZO; AMORIM)

Analisando o processo no todo, podemos observar que houve uma transformação na conduta da criança, inicialmente inibida, que se abriu a novas experiências. A arte contemporânea abre espaço para as transformações.

Figura 28: Dialogando com o espaço, montagem e finalização da instalação



Fonte: Acervo da pesquisadora

Nas crianças a preocupação em os outros alunos destruírem seus trabalhos era constante, porém ao explicar sobre a transitoriedade das obras na arte contemporânea, e todas as produções feitas terem características efêmeras, onde o tempo e o próprio lugar vai possibilitar transformações na produção artística, como também, essa não será mais a mesma a cada momento que um colega a aprecie, as crianças se preocuparam mais em colocar no espaço onde grande quantidade de pessoas pudessem interagir, assim (re)significando seu trabalho. Portanto, a mediação do professor tem papel fundamental no processo de ensino aprendizagem.

Em todas as oficinas, a presença da imaginação no processo de aprendizagem é constante nas relações com a obra, o artista e no ato de criar e recriar a realidade. Tal fator é importante pois “a imaginação nasce do interesse, do entusiasmo, da nossa capacidade de nos relacionar [...]” (PILLOTTO, 2008, p. 49). Sendo assim, como podemos observar na própria fala do aluno José Fernando, a arte é *“uma porta que abre outra porta e chega a nossa imaginação”* e por meio dessa, a criança se permitiu sentir a arte contemporânea, (re)significando sua relação com o seu eu - na performance – assim como o espaço na instalação – e pode compreender as relações entre a arte e a vida , com a visita da artista.

## 5.4 PROJETO DE CURSO: UM CAMINHO POSSÍVEL

**Tema** - Arte contemporânea e o ensino de arte

**Título** – (Re) significando olhares: arte contemporânea no contexto escolar

### **Justificativa**

Com base em todo o caminho percorrido durante a pesquisa<sup>51</sup>, percebo o professor como agente cultural, responsável pela formação de outros sujeitos – os alunos, pois “no encontro que se faz entre cultura e criança situa-se o professor cujo trabalho educativo será o de intermediar os conhecimentos existentes e oferecer condições para novos estudos” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 73).

Parto do princípio de que vivemos em uma sociedade em constantes transformações, onde os alunos cotidianamente são bombardeados por informações, levando-as para a sala de aula. Ao professor é concebida a oportunidade de explorar esse extenso universo informativo que o aluno traz em sua bagagem cultural, problematizando e (re)formulando-o através de conhecimentos científicos, dialogando com a sociedade contemporânea a qual tais educandos vivem. Para tanto, acredito que todo professor necessita estar em constante formação, uma vez que é propulsor da formação cultural de outros seres humanos. O professor precisa constantemente (re)significar sua prática pedagógica e busca expandir seu campo de conhecimento, assim, proponho uma formação continuada para os professores de arte de Maracajá, com cursos a serem ministrados por especialistas relacionados ao ensino da arte, abordado o tema arte contemporânea na práxis do ensino de arte em sala de aula.

Entendendo que os conhecimentos são adquiridos enquanto vivenciamos esteticamente, conciliando teoria e prática e dessa forma “se acumula e se prolonga, vai para além do próprio tempo” (CARVALHO, 2005, p. 126), proponho oficinas com artistas contemporâneos, abordando seus processos e poéticas inseridos na arte contemporânea como a performance, instalação, vídeo arte, entre outras vertentes. Em meio às vivências, troca de conhecimentos os professores poderão compartilhar de sua experiências com os alunos, pois somente podemos dar aquilo que temos

---

<sup>51</sup> “Uma porta que abre a outra porta e chega à nossa imaginação: É possível trabalhar arte contemporânea nas séries iniciais.”

**Ementário do curso:**

A arte contemporânea no contexto escolar. O planejamento e o ensino de arte. As poéticas contemporâneas da arte: instalação, performance, vídeo arte e demais vertentes.

**Proposta de carga horária:** encontros semanais, totalizando 20 horas/aula

**Objetivos****Geral:**

Contribuir e oportunizar espaços para a formação continuada e artístico-cultural dos professores de arte de Maracajá, proporcionando reflexões sobre suas práticas pedagógicas e as possibilidades a serem exploradas com a inserção da arte contemporânea no processo de ensino aprendizagem.

**Específicos:**

- Compreender a importância da abordagem da arte contemporânea para o desenvolvimento cognitivo e formação cultural dos alunos;
- (Re)significar o olhar em relação à inserção da arte contemporânea no contexto escolar, desde as séries iniciais.
- Ampliar repertórios artísticos culturais por meio de relações entre o passado e presente, ou seja, um estudo com base em uma perspectiva histórica até o contemporâneo;
- Perceber as poéticas contemporâneas como possibilidades a serem exploradas para aproximar ensino aprendizagem com realidade social, visualizando aprendizagem significativa;
- Interagir com a arte contemporânea em meio à oficinas com as temáticas performance, instalação e vídeo arte.
- Aguçar o perfil pesquisador em todos os professores, possibilitando tornarem-se sujeitos em constante formação.

**Metodologia:**

**Primeiro encontro (4h):** Mini-curso com especialista convidado, abordando a arte do moderno ao contemporâneo, realizando uma retrospectiva histórica do moderno até a arte contemporânea. Posteriormente, um diálogo sobre a educação em consonância com as perspectivas da sociedade contemporânea movido por reflexões sobre arte contemporânea no espaço escolar.

**Segundo encontro (8h):** Durante período matutino será realizada uma explanação teórica contemplando algumas poéticas da arte contemporânea como instalação e performance vinculadas as possibilidades a serem exploradas com essas no contexto escolar no ensino da arte. No período vespertino proponho uma vivência conciliando teoria com a prática, em meio a uma oficina com um artista contemporâneo que abore em sua poética as vertentes estudadas.

**Terceiro encontro (8h):** No período matutino, continuamos os estudos sobre algumas vertentes da arte como a vídeo arte, novamente direcionadas para o ensino da arte em sala de aula. Durante período vespertino, teremos a vivência prática, onde os professores em meios aos estudos terão o momento para o ato criador, finalizando com um diálogo entre todos sobre as contribuições de todo o processo de ensino aprendizagem, durante a formação continuada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a práxis de reflexões, observo que os assuntos discorridos no referencial teórico ganharam corpo no ato criador dos alunos, ou seja, aquilo que anteriormente se restringiam as margens das folhas e aos pensamentos, se concretizou no momento das oficinas, a cada troca de conhecimento e experiência, onde a criança com sua espontaneidade e total liberdade de espírito se permitiu fruir a arte contemporânea.

Tornou-se visível a importância de se abordar a arte contemporânea desde as séries iniciais, partindo do princípio que a aprendizagem para os alunos é significativa no momento em que ultrapassam as barreiras dos estereótipos e associam os conhecimentos vistos em sala com o cotidiano. Portanto não bastam informações sobre períodos históricos, tanto a criança, quanto o adolescente ou o adulto, necessitam perceber o real sentido do aprender, poder estabelecer relações com o seu em torno. Aprender sobre o ontem é necessário, porém conciliado ao hoje. Faço tal reflexão, pois pude perceber que ao iniciar minha pesquisa, em breve diálogo com os alunos é constante a concepção de a arte estar presente apenas nos desenhos ou pintura, como se tais vertentes fossem sua única forma de comunicação, assim um estudo em arte que visa a reflexão, contemplando além da percepção visual a sensível, é primordial para as relações entre o eu e o mundo.

Um fator importante que abre caminhos para pesquisas futuras é a presença do lúdico em todo o processo de ensino aprendizagem, ousaria dizer que a criança aprendeu brincando. Visto que, esses alunos, exceto alguns, não haviam obtido nenhuma experiência com a arte contemporânea até então, porém no ato de colocar-se na condição de criar, o encantamento tomou conta e no tempo em que criavam sua produção artística brincavam e vagavam pela imaginação. Entretanto, algumas características peculiares de cada faixa etária vieram à tona, como a resistência das crianças do quinto ano, uma idade em que a transição das séries iniciais para as finais do ensino fundamental deixa clara a inibição, a insegurança em relação ao se expressar diante do outro, como também, as crianças do primeiro ano, onde o conhecimento não se formulou apenas com a fala ou com termos teóricos e sim com a experiência, pois somente após eles construírem a produção foi perceptível que a arte contemporânea foi compreendida. Sendo assim, não basta o professor pautar-se apenas na teoria ou na prática, pois todos estão envolvidos em



um contexto - o processo de ensino aprendizagem, o qual perpassa etapas. A relação da instalação com o espaço foi compreendida pela criança, mas não na primeira fala em sala de aula e sim após a apreciação do vídeo, o diálogo, a produção artística e a visita da artista. Foi percorrido todo um caminho conciliando arte e vida para se chegar a um objetivo. Essa conduta é essencial para o professor que visa à aprendizagem significativa e formação de sujeitos atuantes na sociedade, capaz de (re)formular sua realidade.

A criança deixa claro que a todo o instante está se relacionando com o meio o qual convive, por meio de seu trabalho. Neste viés o professor necessita conhecer a realidade de seu aluno, buscando interagir com essa e em seus métodos de ensino deve agregar o espírito da inovação, pois é notório que o monótono para a criança não atrai, como até mesmo para o adulto, nos interessamos por aquilo que nos cativa. A arte contemporânea permite o inusitado, a inovação, ao mesmo tempo em que desencadeia o estranhamento em alguns alunos, abre caminhos para a reflexão, para leituras de mundo. São de seres capazes de ultrapassar as decodificações e refletirem sobre o estar no mundo que necessitamos em nossa sociedade, porém cabe pensarmos como contribuir para uma formação que viabilize tal aspecto; é com o ensino fragmentado, desconexo da realidade que alcançaremos algum objetivo? Ou com um ensino que não viabilize apenas a formação para a cidadania ou inserção no mercado e sim objetive a construção de sujeitos pensantes, reflexivos capacitados para relacionar-se com o eu, o outro, a sociedade?

Com base em tais reflexões concluo que a criança permite-se ao aprender a arte contemporânea, cabe ao professor ser um eterno pesquisador, se abrir ao contexto contemporâneo e perceber em sua práxis de ensino que a arte contemporânea possui um vasto campo para ser explorado a favor da formação cultural dos alunos. Entretanto não almejo apontar culpados, realizar julgamentos e sim possibilitar reflexões sobre as contribuições do ensino da arte contemporânea no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Secretaria de Ed. Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais**: Arte/secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 1996.

CALDERAN, Odete Angelina. **Objeto-imagem**: [entre] meios de uma poética [dissertação]. Santa Maria: UFSM, 2011.

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, Maria Cristina M. Pereira de. Espaços de cultura e formação de professores/monitores. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. **Museu, Educação e Cultura**: Encontros de crianças e professores com a arte. Campinas, SP: Papirus, 2005.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.

COELHO, Teixeira. Apresentação. In: MOSTAÇO, Edécio (*et al*) (Orgs.). **Sobre Performatividade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COLI, Jorge. **O que é arte?** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CORRÊIA, Cristina Bergmann. **Fotografia**: a poética da luz em busca de narrativas na construção de um olhar crítico e reflexivo em torno da exposição "mostrando a cara: a produção e o artista". 2009. 108 f. TCC (Curso de Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.

DEMO, Pedro. . **Pesquisa** princípio científico e educativo. 8 ed. São Paulo: Cortez,

2001.

DONATO, Cilda; PORTELLA, Ricardo. **A máquina estética: reflexões sobre a arte contemporânea**. In: < [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br) >. Acesso em: 17/10/2011, às 20:32:05.

FAVARETTO, Celso Fernando. **A invenção de Hélio Oiticica**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. Rezende e. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa**. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana, Campinas, SP: Papirus, 2008.

HUCHET, Stéphane. A instalação em situação. In: NAZARIO, Luiz; FRANCA, Patricia (orgs). **Concepções contemporâneas da arte**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação à história da arte**. 2 ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.

LAMAS, Naja de Carvalho (org). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: UNIVILLE/Instituto Schwanke, 2007.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. **Museu, Educação e Cultura: Encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

MADDALOZZO, Sheila; AMORIM, Rebeca. **Arte Contemporânea na Educação Infantil: uma proposta de estágio**. Disponível em: < [http://www.ufsm.br/lav/noticias1\\_arquivos/arte\\_contemporanea.pdf](http://www.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/arte_contemporanea.pdf) >. Acesso em 15/10/2011 às 13h30min.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: A língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MELIN, Regina. **Performance nas artes visuais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MENEZES, Marina P. de. **A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes.** Concinnitas, Rio de Janeiro, v 2, p. 67–77, n 11, dez. 2007.

MICHELI, Mário De. **As vanguardas artísticas.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MOSTAÇO, Edécio *et al* (Orgs). **Sobre Performatividade.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

NARLOCH, Charles. Das artes liberais ao hibridismo: as revoluções dos conceitos nas artes visuais. In: LAMAS, Nadjia de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão.** Joinville, SC: UNIVILLE/Instituto Schwanke, 2007.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola.** São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

PELED, Y. Ready-made performático: Incorporação de unidades de *performance* no contexto de *performance* teatral, atravessado por forças e tensões sociais. Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade Estadual de Santa Catarina. In: LAMAS, Nadjia de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão.** Joinville, SC: UNIVILLE/Instituto Schwanke, 2007.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e (Orgs.). **Ensaio em torno da arte.** Chapecó: Argos, 2008.

PROENÇA Graça. História da arte. 17 ed. São Paulo: Ática, São Paulo, 2009.

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.** Escola de Educação Básica Eufrázio Avelino Rocha, 2010.

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.** Escola de Educação Básica Manoel Gomes Baltazar, 2010.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudo em construção. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart (et al) (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RODRIGUES, Maria Lucia. **Caminhos da Transdisciplinaridade** - fugindo a injunções lineares. Disponível em:  
< [www.pucsp.br/nemess/links/artigos/marialucia3.htm](http://www.pucsp.br/nemess/links/artigos/marialucia3.htm) >. Acesso em 31/10/2011 às 20h32min

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, (temas multidisciplinares). Florianópolis: Secretaria de Educação e do Desporto, 1998.

SANTOS, Cristina Nara. **Arte e Tecnologia**: considerações sobre o percurso histórico. Expressão – Revista do Centro de Artes e Letras, Santa Maria: UFSM, v. 1, p. 35 – 42, Jan/Jun. 2005.

SANTOS, Geraldo. **Isto é arte?** São Paulo: Arte na escola, 1999. 1 DVD(12min): NTSC : son., color. (DVDteca Arte na Escola )

SANTOS, Maria das Graças Viera Proença dos. **História da arte**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2002.

SMOLKA, Ana Luiza. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

STOLF, Raquel. **A instalação enquanto situação**: entre acontecimentos, proposições e outros desdobramentos. In: LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: UNIVILLE/Instituto Schwanke, 2007.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada**: da pré-história ao pós-moderno. 2 ed. Rio de Janeiro: Duetto, 1999.

## REFERÊNCIA VISUAL ONLINE

CONEXÃO Cosmogolé. Vídeo online [Youtube] (2: 31 min). Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=muWviJtXiDA>>. Acesso em: 06/10/2011 às 18h.

SEGUNDA Conexão Cosmogolé. Vídeo online [Youtube] (3: 09 min). Disponível em:  
< <http://www.youtube.com/watch?v=KY1GqFVWEes&feature=relmfu> >. Acesso em: 06/10/2011 às 17h45.

TERCEIRA Conexão Cosmogolé. Vídeo online [Youtube] (4: 11 min). Disponível em:  
< <http://www.youtube.com/watch?v=6XBrG55yzEY&feature=relmfu> >. Acesso em: 06/10/2011 às 17h50.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO AOS PAIS DE ALUNOS

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

Criciúma, 29 de setembro de 2011

Prezados Senhores Pais ou Responsáveis

Venho por meio deste solicitar a Vossa Senhoria, autorizar seu filho (a) participar de minha pesquisa intitulada “Arte contemporânea e séries iniciais: (re) significando olhares. Sou Nayara de Almeida, acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura/Unesc, residente do município de Maracajá, me chamo. Como estou concluindo minha graduação, necessito realizar uma pesquisa, denominada pela instituição trabalho de conclusão de curso. Para tanto me proponho a realizar oficinas de arte na escola a qual seu filho estuda, com o objetivo de compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens de performance e instalação perante a propostas que contemplam vivências com a arte contemporânea. Essas oficinas aconteceram no período matutino, nos dias 07 e 14 de outubro, com início às 09 horas e estendendo-se até as 11 horas, na própria escola onde o aluno estuda. Estarei abordando atividades que envolvam a arte contemporânea, um conteúdo pertencente ao ensino da arte nas escolas, do mesmo modo em que utilizarei de máquina fotográfica e filmadora no momento em que os alunos estiverem realizando a oficina, como forma de registro, pois uma das etapas de minha pesquisa é refletir sobre o trabalho desenvolvido nesse dia. Porém deixo claro, que não me responsabilizo pela ida e vinda da criança até a escola, o trajeto que a mesma percorre todos os dias, conto com vossa compreensão para levar e buscar seus filhos (as) no horário sugerido acima. Conto com sua colaboração, assim, agradeço antecipadamente.

### Autorização para pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_ (nome do pai/mãe e/ou responsável), portador do RG \_\_\_\_\_ (número da identidade) e do CPF \_\_\_\_\_ (número do CPF), autorizo meu filho(a) \_\_\_\_\_ (nome da criança) a participar da pesquisa de TCC que tem como problema: **Como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica?** A pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Nayara de Almeida da 8ª fase do Curso de Artes Visuais da UNESC. Declaro estar consciente da metodologia que será utilizada pela pesquisadora, bem como os dias e horários destinados para a aplicação da mesma. Autorizo ainda o uso de falas, imagens e escritas/desenhos das crianças para fins de pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Local e Data

## APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO AOS PAIS DE ALUNOS

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

Criciúma, 29 de setembro de 2011

Prezados Senhores Pais ou Responsáveis

Venho por meio deste solicitar a Vossa Senhoria, autorizar seu filho (a) participar de minha pesquisa intitulada “Arte contemporânea e séries iniciais: (re) significando olhares. Sou Nayara de Almeida, acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura/Unesc, residente do município de Maracajá, me chamo. Como estou concluindo minha graduação, necessito realizar uma pesquisa, denominada pela instituição trabalho de conclusão de curso. Para tanto me proponho a realizar oficinas de arte na escola a qual seu filho estuda, com o objetivo de compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens de performance e instalação perante a propostas que contemplam vivências com a arte contemporânea. Essas oficinas aconteceram no período vespertino, nos dias 07 e 14 de outubro, com início às 14 horas e estendendo-se até as 16 horas, na própria escola onde o aluno estuda. Estarei abordando atividades que envolvam a arte contemporânea, um conteúdo pertencente ao ensino da arte nas escolas, do mesmo modo em que utilizarei de máquina fotográfica e filmadora no momento em que os alunos estiverem realizando a oficina, como forma de registro, pois uma das etapas de minha pesquisa é refletir sobre o trabalho desenvolvido nesse dia. Porém deixo claro, que não me responsabilizo pela ida e vinda da criança até a escola, o trajeto que a mesma percorre todos os dias, conto com vossa compreensão para levar e buscar seus filhos (as) no horário sugerido acima. Conto com sua colaboração, assim, agradeço antecipadamente.

### **Autorização para pesquisa**

Eu, \_\_\_\_\_ (nome do pai/mãe e/ou responsável), portador do RG \_\_\_\_\_ (número da identidade) e do CPF \_\_\_\_\_ (número do CPF), autorizo meu filho(a) \_\_\_\_\_ (nome da criança) a participar da

pesquisa de TCC quem tem como problema: **Como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica?** A pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Nayara de Almeida da 8ª fase do Curso de Artes Visuais da UNESC. Declaro estar consciente da metodologia que será utilizada pela pesquisadora, bem como os dias e horários destinados para a aplicação da mesma. Autorizo ainda o uso de falas, imagens e escritas/desenhos das crianças para fins de pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Local e Data



## APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO AOS PAIS DE ALUNOS

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

Criciúma, 26 de outubro de 2011

Prezados Senhores Pais ou Responsáveis

Venho por meio deste solicitar a Vossa Senhoria, novamente autorizar seu filho (a) participar da terceira etapa de minha pesquisa intitulada “Uma porta que abre outra porta e chega a nossa imaginação: é possível trabalhar arte contemporânea nas séries iniciais?”. As crianças são convidadas a participar de um diálogo e uma oficina de arte com uma artista contemporânea, residente do município de Criciúma e natural do Rio Grande do Sul, Odete Angelina Calderan. **Esse encontro acontecerá nesta sexta – feira (28 de outubro de 2011), com início às 9 horas e término às 11 horas, na escola de E. B. Eufrásio Avelino Rocha, localizada no bairro Vila Beatriz.** A presença de seu filho (a) é imprescindível para a conclusão de minha pesquisa, visto que esse já participou das duas etapas iniciais - as oficinas realizadas nos dias 07 e 14 de outubro. Porém deixo claro, que não me responsabilizo pela ida e vinda da criança até a escola, conto com vossa compreensão para levar e buscar seus filhos (as) no horário sugerido acima. Conto com sua colaboração, assim, agradeço antecipadamente.

## **APÊNDICE D – ELABORAÇÃO DA OFICINA 1**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**UNIDADE ACADEMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO- UNAHCE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Acadêmica: Nayara de Almeida**

**Orientador: Prof. Mndo. Marcelo Feldhaus**

**Oficina para coleta de dados dia 07/10/2011 na escola E. B. Eufrázio Avelino  
Rocha**

### **Fio Condutor da pesquisa?**

Como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica?

### **Objetivo Geral:**

Compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens de performance e instalação perante a propostas que contemplam vivencias com a arte contemporânea.

### **Roteiro:**

- ❖ 1º momento: Receberei os alunos na biblioteca da escola, local disponibilizado pela instituição onde será desenvolvida a pesquisa. Após iniciarei me apresentando e conhecendo os alunos, para depois iniciar um diálogo sobre o que eles entendam por artes e essa na escola, como também, falarei sobre o artista na arte e obra artística, pretendo saber qual repertório os alunos têm. Na seqüência apresentarei aos alunos o artista Hélio Oiticica falando brevemente sobre ele e em data show mostrarei algumas obras da sua série penetráveis, sem maiores explicações, insgarei os alunos a falarem sobre o que pensam ser essas obras, o que lhes passa, assim, permitirei o primeiro contato dos educando com o artista sem maiores intervenções, a não ser as necessárias.

- ❖ 2º momento: Convidarei os alunos para assistirmos um pequeno vídeo de uns cinco minutos sobre Hélio Oiticica. Esse vídeo é referente ao programa “conexão cosmológica”, um projeto do Itaú cultural e fala sobre o “supra – sensorial” na obra e a “Tropicália”, contextualizando o conceito de instalação na arte. Com o termino do filme, convidarei os educandos a experimentar, assim como Oiticica propõem, a sentir as coisas, para tanto, levarei saquinhos coloridos com cheiros de coisas cotidianas como café, rosa, folhas, terra, etc. Irei propor que cada um sinta os cheiros e falem sobre o que pensam ser, depois dessa experiência convidarei a sentir os objetos e elementos naturais, para isso levarei caixas de areia, brita, algodão, água.
- ❖ 3º momento: Por fim disponibilizarei materiais diversificados e convidarei eles a criarem sua produção artística no pátio da escola, que venha a convidar os colegas das outras salas a sentirem, tendo a mesma experiência que eles poderão vivenciar. Após as instalações feitas, no intervalo ficaremos assistindo qual será a reação dos demais alunos da escola ao verem os trabalhos e como vão experimentar esses. Finalizaremos voltando para sala onde realizaremos um diálogo final e um lanche fornecido por mim.

#### **Materiais necessários:**

- ❖ Data show;
- ❖ Som,
- ❖ Caixa com areia;
- ❖ Caixa com algodão;
- ❖ Caixa com brita;
- ❖ Bacia com água;
- ❖ Saquinhos coloridos com aromas (café, folhas, pétalas de rosas, terra, etc)
- ❖ DVD com filmes referentes ao programa conexão cosmogolé;
- ❖ Papelão;
- ❖ Tesoura;
- ❖ Cola;
- ❖ Revistas;
- ❖ Caixas de papel;
- ❖ Papel Cartão, celofane, sulfite e Kraft;
- ❖ Cordão;
- ❖ Canetinhas hidrocor;
- ❖ Lápis de escrever e borracha;
- ❖ TNT;
- ❖ Cola-quente;
- ❖ Tinta Guache;
- ❖ Toquinhos de Madeiras;
- ❖ Espelhos.

## **APÊNDICE E – ELABORAÇÃO DA OFICINA 2**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**UNIDADE ACADEMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO- UNAHCE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Acadêmica: Nayara de Almeida**

**Orientador: Prof. Mndo. Marcelo Feldhaus**

**Oficina para coleta de dados dia 14/10/2011 nas escolas E. B. Eufrázio Avelino Rocha e E. E. B. Manuel Gomes Baltazar.**

### **Fio Condutor da pesquisa?**

Como a criança das séries iniciais da rede estadual do município de Maracajá se relaciona e frui as linguagens da performance e instalação na arte contemporânea mediante as obras de Hélio Oiticica?

### **Objetivo Geral:**

Compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens de performance e instalação perante a propostas que contemplam vivências com a arte contemporânea.

### **Roteiro:**

- ❖ 1º momento: Receberei os alunos na biblioteca na escola Avelino Rocha e na sala de artes na escola Manuel Gomes Baltazar, locais disponibilizados pelas instituições onde será desenvolvida a pesquisa. Após abordarei novamente com os alunos o artista Hélio Oiticica falando brevemente sobre ele e em data show mostrarei algumas fotos dos parangolés, sem maiores explicações, instigarei os alunos a falarem sobre o que pensam ser essa obra, o que lhes passa, assim, permitirei o primeiro contato dos educando com o artista sem maiores intervenções, a não ser as necessárias.

- ❖ 2º momento: Convidarei os alunos para assistirmos um pequeno vídeo de uns cinco minutos sobre Hélio Oiticica e os parangolés. Esse vídeo é referente ao programa “conexão cosmolé”, um projeto do Itaú cultural. Também passarei um breve vídeo sobre “o roubo do parangolé”, contextualizando o conceito desses de forma lúdica. Com o término do filme, convidarei os educandos a experimentar, assim como Oiticica propõem, a estimular a linguagem corporal com jogos teatrais.
- ❖ 3º momento: Por fim disponibilizarei materiais diversificados e convidarei eles a criarem sua produção artística, a criarem seus parangones e experimentá-los no pátio da escola. Finalizaremos voltando para sala onde realizaremos um diálogo final e um lanche fornecido por mim.

**Materiais necessários:**

- ❖ Data show;
- ❖ Som,
- ❖ DVD com filmes referentes ao programa conexão cosmogolé;
- ❖ Papelão;
- ❖ Tesoura;
- ❖ Cola;
- ❖ Revistas;
- ❖ Caixas de papel;
- ❖ Papel Cartão, celofane, sulfite e Kraft;
- ❖ Cordão;
- ❖ Canetinhas hidrocor;
- ❖ Lápis de escrever e borracha;
- ❖ TNT colorido;
- ❖ Cola-quente;
- ❖ Tinta Guache;
- ❖ Tinta facial.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando um projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“Uma porta que abre a outra porta e chega a nossa imaginação: é possível trabalhar arte contemporânea nas séries iniciais?”**. O (a) sr(a): Dirlene da Silva Pedroso responsável pela escola de E.E.B. Eufrázio Avelino Rocha foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens de performance e instalação perante a propostas que contemplam vivências com a arte contemporânea.

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao sr (a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. Autoriza ainda utilização das falas (gravação da voz), imagens (filmagens) e produções culturais coletados durante as oficinas em espaços de narrativa.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Nayara de Almeida (fone: (48) 9931-6232) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor Mndo. Marcelo Feldhaus (Telefone: (48)34312555). O telefone do Comitê de Ética é 34312723.

Criciúma (SC)\_\_\_\_de\_\_\_\_\_de 2011.

---

Assinatura da Instituição Participante

## ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando um projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“Uma porta que abre a outra porta e chega a nossa imaginação: é possível trabalhar arte contemporânea nas séries iniciais?”** O (a) sr(a): Tatiana Machado Henrique responsável pela escola de E.E.B. Manoel Gomes Baltazar foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos compreender e refletir como as crianças das séries iniciais do ensino fundamental se relacionam e fruem as linguagens de performance e instalação perante a propostas que contemplam vivências com a arte contemporânea.

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao sr (a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. Autoriza ainda utilização das falas (gravação da voz), imagens (filmagens) e produções culturais coletados durante as oficinas em espaços de narrativa.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Nayara de Almeida (fone: (48) 9931-6232) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor Mndo. Marcelo Feldhaus (Telefone: (48)34312555). O telefone do Comitê de Ética é 34312723.

Criciúma (SC)\_\_\_\_de\_\_\_\_\_de 2011.

---

Assinatura da Instituição Participante



## ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DAS ESCOLAS PARA O COMITÊ DE ÉTICA



**Universidade do Extremo Sul Catarinense**  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão  
Comitê de Ética em Pesquisa

### Protocolo de Encaminhamento de Projeto de Pesquisa para Avaliação na Comissão

1) Uso Exclusivo do CEP/UNESC	Número do Projeto
Data de Recebimento:	

#### 2) Certifique se todos estes itens e documentos estão presentes no projeto:

- ☐ ( ) Título
- ☐ ( ) Nome do Orientador (a) e Nome do Orientando (a)
- ☐ ( ) Instituição de Origem
- ☐ ( ) Instituição de Realização
- ☐ ( ) Introdução
- ☐ ( ) Objetivo
- ☐ ( ) Metodologia
- ☐ ( ) Cronograma
- ☐ ( ) Orçamento especificando a fonte de financiamento (caso tenha)
- ☐ ( ) Referências Bibliográficas


#### Documentação Obrigatória do Comitê:

- ☒ (x) Termo de Consentimento Informado (no caso de humanos) Pode ser anexo ao projeto.
- ☐ ( ) Protocolo de Encaminhamento de Projeto de Pesquisa para Avaliação nas Comissões.
- ☐ ( ) Folha de Rosto para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do SISNEP (CONEP)
- ☐ ( ) Cópia do Projeto.

#### 3) Título do Projeto

**Arte Contemporânea e séries iniciais: (re) significando olhares**


#### 4) Orientador (a) Responsável


<b>Marcelo Feldhaus</b>		Assinatura (Obrigatório) 
Carteira de Identidade	CPF	Vínculo (X) Professor ( ) Funcionário ( ) Alunos ( ) Outras instituições _____
4356073	039140279-08	
Endereço Rua João Antônio Nazário, número 40, Ed. Castro Alves, apto 404, bloco B		
Cidade: Criciúma	UF: SC	Telefone: 34312555      Celular: 96190594
CEP: 88805-290		E-mail: marceloartesvisuais@gmail.com

#### 5) Área de Conhecimento (utilize os códigos do CNPq)

#### 6) Previsão do Projeto


	Início: 01/08/2011 Término: 30/11/2011
--	---

<b>7) Autores do Projeto</b> (listar todos os participantes que preencham os critérios de autoria, com as respectivas assinaturas)		
Nome: <b>Nayara De Almeida</b>		Assinatura 
Telefone: <b>(48) 9931-6232</b>		
CPF: <b>074.878.389-00</b>	RG: <b>5.535.759-8</b>	Vínculo: ( ) Professor ( ) Funcionário ( x ) Aluno ( ) Outra Instituição
Nome		Assinatura
Telefone		
CPF	RG	Vínculo: ( ) Professor ( ) Funcionário ( ) Aluno ( ) Outra Instituição
Nome		Assinatura
Telefone		
CPF	RG	Vínculo: ( ) Professor ( ) Funcionário ( ) Aluno ( ) Outra Instituição

<b>8) Local de Origem (Serviço, Departamento ou Curso de Pós-Graduação que cancela o projeto)</b>	
Arte Visuais - Licenciatura	 Profª Ma. Edina Regina Baumer Coordenadora Adjunta Curso de Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura Cotação nº 61/2010/Reitoria/UNESC

<b>09) Local de Realização (Serviço, Departamento ou outra Instituição onde o projeto será efetivamente realizado)</b>	
E. E. B. Eufrázio Avelino Rocha	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO Secretária Executiva Regional E.E.B. Eufrázio Avelino Rocha Código - 764000769020 Vila Beatriz - Maracajá Parecer de Transformação nº 157/91 de 18/06/91 CEE Entidade Mantida por: Governo do Estado de Santa Catarina
E. E. B. Manuel Gomes Baltazar	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO Escola de Educação Básica Manoel Gomes Baltazar Código: 764000769700 Decreto Criação Nº SE 17-02-84 / 21.401 Parecer CEE Nº 19/90 de 06-02-90 Rua Pedro Rocha, 111 Maracajá - Santa Catarina

  
 Dirlene da Silva Pedrosa  
 Diretora de Escola  
 Matr.: 339.938-9-03

  
 Tatiana Machado Henriques  
 Assessora de Direção  
 Matr.: 272.199-6-03